

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

SATISFAÇÃO DE VIDA, ESTILOS PARENTAIS E PERSONALIDADE EM  
MILITARES E UNIVERSITÁRIOS

Tese de Doutorado apresentado por Francisco Heitor da Rosa como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia do Desenvolvimento, sob orientação do Prof. Dr. Claudio Simon Hutz.

Porto Alegre, março de 2006

Se é mister um esforço derradeiro  
E fazer de seu corpo uma trincheira  
Abraçado ao canhão morre o artilheiro  
Em defesa da Pátria e da Bandeira  
O mais alto valor de uma nação  
Vibra n'alma do soldado  
Ruge n'alma do canhão  
(Canção da Artilharia)

## AGRADECIMENTOS

À minha família, pais, irmãos, primos, primas, tios, avôs e avós, por acreditarem e apoiarem sempre minha trajetória acadêmica, mesmo que não entendessem muito bem o que era ou o que significava, apenas por amor.

Aos amigos e colegas do Laboratório de Mensuração (IPSI/UFRGS), que transformam um local de trabalho e estudo em local de convívio e alegria, esta Tese não seria possível sem vocês. E vocês são muitos para nominar: seria injusto esquecer qualquer um de vocês!

Aos funcionários do IPSI/UFRGS e PPG-Psicologia: Alziro, Rosane, Geraldo, Viviane, Margareth, Carla, por 10 anos de convivência amigável, divertida e proveitosa – vocês transformam este lugar em um espaço para onde se quer voltar!

Aos amigos que fiz para toda a minha vida, neste período de tempo juntos na UFRGS, em especial Sílvia Helena Koller, Lucas Neiva Silva, João Carlos Alchieri, Adriane Scomazzon Antoniazzi e Paola Biasoli Alves, levo vocês em meu coração por onde quer que eu vá.

A José Carlos Teixeira Júnior, e por extensão, ao Exército Brasileiro, por seu incentivo à pesquisa e à colaboração entre a Universidade e as Forças Armadas, mote deste trabalho e de um projeto acadêmico muito maior, para recuperar valores éticos e morais, tão necessários a nossa sociedade atualmente.

À CAPES, por ter proporcionado a mais importante oportunidade formativa que alguém pode ter na Academia: participar do Programa Especial de Treinamento (PET/CAPES).

À Faculdade Assis Gurgacz, por seu apoio para a continuidade de meus estudos, pela oportunidade de trabalho e reconhecimento conferido ao trabalho desenvolvido.

Aos funcionários e professores da Faculdade Assis Gurgacz, pelo apoio na coleta de dados, na leitura das folhas óticas e na disponibilidade em sempre auxiliar.

Aos Professores Doutores Ricardo Primi, Roberto Cruz e Marco Balbinoti, por sua disponibilidade, indicações e colaborações neste trabalho.

À relatora deste trabalho, Professora Doutora Débora Dalbosco Dell'Aglio, pelo imenso trabalho de correção, sugestões, dedicação e prontidão em auxiliar-me, meu agradecimento e reconhecimento, pois não poderia ter recebido apoio melhor ou maior.

Ao meu orientador, Cláudio Simon Hutz, que foi mais do que modelo, professor, administrador e orientador – foi e é um grande amigo, meu legítimo pai acadêmico. Espero ser motivo de muito orgulho para ti, e fonte de reconhecimento do teu trabalho e tua história.

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS .....	5
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO .....	8
1.1 Áreas de Atuação do Psicólogo e Psicologia Militar .....	8
1.2 Evolução da Organização Militar na História da Humanidade .....	8
1.3 Psicologia Militar nos Estados Unidos .....	10
1.4 Psicologia Militar na Europa e Ásia .....	12
1.5 Psicologia Militar na América Latina e Brasil .....	21
1.6 A Influência do Ambiente no Comportamento Humano .....	23
1.6.1 Bem-Estar Subjetivo .....	25
1.6.2 Estilos Parentais .....	27
1.6.3 Personalidade .....	28
1.7 Objetivos .....	32
CAPÍTULO II: MÉTODO .....	33
2.1 Participantes .....	33
2.1.1 Descrição das amostras .....	34
2.2 Instrumentos .....	36
2.2.1 Questionário de Dados Demográficos .....	36
2.2.2 Escala de Responsividade e Exigência Parental .....	37
2.2.3 Escala de Satisfação de Vida de Diener .....	37
2.2.4 Inventário Fatorial de Personalidade .....	37
2.3 Procedimentos .....	38
CAPÍTULO III: RESULTADOS .....	40
3.1 Descrição dos resultados .....	40
3.1.1 Satisfação de Vida .....	40
3.1.2 Estilos Parentais .....	41
3.1.3 Personalidade .....	46
3.1.4 Verificação das características psicométricas dos instrumentos .....	49
3.1.5 Análises exploratórias .....	51
CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	53
4.1 Considerações finais .....	58
REFERÊNCIAS .....	62
ANEXO A .....	69
ANEXO B .....	70
ANEXO C .....	71
ANEXO D .....	72
ANEXO E .....	73
ANEXO F .....	75
ANEXO G .....	77
ANEXO H .....	78

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Estudos Europeus e Asiáticos em Psicologia Militar.....	13
Tabela 2. Médias e Desvios Padrões nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental nas Amostras de Militares e Universitários.....	41
Tabela 3. Médias e Desvios Padrões nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental nas Subamostras Militares.....	41
Tabela 4. Resultados do Teste <i>t</i> de Diferença de Médias Entre Cadetes Filhos de Militares e Cadetes Sem Parentes Militares nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental. ....	42
Tabela 5. Resultados do <i>Teste t</i> de Diferença de Médias Entre Cadetes Filhos de Militares e Cadetes Com Parentes Militares nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental.....	42
Tabela 6. Resultados do Teste <i>t</i> de Diferença de Médias Entre Cadetes Filhos de Militares e Universitários nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental.....	43
Tabela 7. Resultados do Teste <i>t</i> de Diferença de Médias entre Cadetes Sem Parentes Militares e Cadetes Com Parentes Militares nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental. ....	43
Tabela 8. Resultados do Teste <i>t</i> de Diferença de Médias Entre Cadetes Sem Parentes Militares e Universitários nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental.....	44
Tabela 9. Resultados do Teste <i>t</i> de Diferença de Médias Entre Cadetes Com Parentes Militares e Universitários nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental.....	44
Tabela 10. Estilo Parental Paterno Indicado Por Cadetes Com e Sem Pais Militares e Por Universitários (em Porcentagem).....	45
Tabela 11. Estilo Parental Materno Indicado Por Cadetes Com e Sem Pais Militares e Por Universitários (em Porcentagem).....	45
Tabela 12. Estilo Parental do Casal de Pais Indicado Por Cadetes Com e Sem Pais Militares e Por Universitários (em Porcentagem).....	46
Tabela 13. Fatores de Personalidade Destacados na Amostra Militar.....	47
Tabela 14. Fatores de Personalidade Destacados na Amostra de Cadetes Filhos de Pais Militares..	47
Tabela 15. Fatores de Personalidade Destacados na Amostra de Cadetes Com Parentes Militares..	47
Tabela 16. Fatores de Personalidade Destacados na Amostra de Cadetes Sem Parentes Militares ..	48
Tabela 17. Fatores de Personalidade Destacados na Amostra Universitária.....	48
Tabela 18. Resultados do <i>Teste t</i> de Diferença de Médias Entre Cadetes Que Estudaram e não Estudaram em Colégios Militares nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental.....	51

## RESUMO

A influência ambiental é tida como certa no desenvolvimento humano. Contudo, alguns ambientes específicos exercem influências tardias no desenvolvimento. A psicologia militar tem se estabelecido como campo de pesquisa e atuação profissional desde a Primeira Grande Guerra, principalmente nos Estados Unidos e Europa. O ambiente militarizado, costumeiramente relacionado com a fase adulta de vida, tem sido pouco estudado no Brasil, suscitando uma lacuna importante de conhecimentos psicológicos. Neste estudo, cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (N=373) e universitários (N=73) responderam instrumentos psicológicos sobre bem-estar subjetivo, estilos parentais e personalidade. Para fins de análise, a amostra militar foi subdividida por diversos critérios: ter pai militar, ter estudado em Colégios Militares, ter parentes militares (que não o pai). Diferenças significativas foram encontradas entre a amostra militar e universitária e entre filhos de militares e não-filhos de militares. Filhos de pais militares apresentaram maior satisfação de vida e maior frequência de pais e mães responsivos que outros cadetes. Ex-alunos de Colégio Militar mostraram-se mais autônomos e propensos a novas experiências, além de melhor adaptação ao meio militar. Observou-se que a pontuação na escala de Afiliação foi significativamente mais alta entre os militares, entre outras diferenças nas escalas do IFP, mas não houve diferença na Escala de Desejabilidade Social. Os resultados apontam a necessidade de novos estudos na área e com diferentes populações.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicologia militar, bem-estar subjetivo, estilos parentais, personalidade, influência ambiental.

## ABSTRACT

There seems to be no doubt that the environment has an influence in human psychological development. Nevertheless, it also seems that some specific environments may have an influence in development later on life. Military Psychology was established as research and work field since World War I, mainly at United States and Europe. The military environment, usually related to the adult stage of life, has received little attention from Brazilian psychologists and little is known of its effects in our country. The present study attempts to fill this gap investigating possible psychological differences between persons who live in a military environment and those who do not have any contact with it. Participants were 373 male students at Academia Militar de Agulhas Negras (a military school for training officers for the Brazilian army) and 73 male undergraduate students who never had any contact with a military environment. The military sample was further divided into groups of students who 1) have studied in military schools, 2) have a parent serving in the armed forces, and 3) have other relatives serving in the armed forces. The participants responded to scales to assess subjective well-being, parental styles, and personality traits. The results showed significant differences between the military and the undergraduate sample and between participants who had a father serving at the armed forces and those who did not. Participants whose father was serving presented higher subjective well-being scores and perceived their father and mother as more authoritative. Those who had studied at military secondary schools presented more autonomy and were more open to new experiences. The non-military undergraduate participants tended to perceive their parents as more authoritarians. Affiliation scale score was higher to army cadets, among other significant differences, but Social Desirability scale shown no difference. The results stress the need to study the influence of military environments on psychological development in a more systematic way in Brazil.

Keywords: military psychology, subjective well-being, parental styles, personality, environmental influence.

## CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

### 1.1 Áreas de Atuação do Psicólogo e Psicologia Militar

A psicologia tem ocupado diversos espaços na sociedade atual. Segundo pesquisa encomendada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), os psicólogos brasileiros atuam nas áreas de Psicologia Clínica, Psicologia da Saúde, Psicologia Organizacional ou do Trabalho, Psicologia Educacional, Psicologia do Trânsito, Psicologia Jurídica, Psicologia do Esporte, Psicologia Social, Docência e Pesquisa em Psicologia (Conselho Federal de Psicologia, 2004). Alguns destes campos de atuação ainda são pequenos, mas já são reconhecidos como legítimos e tipicamente ocupados por profissionais de psicologia. Outros espaços, no entanto, ainda não estão sendo abordados como campos típicos de atuação do psicólogo.

Este trabalho tem por objetivo básico identificar influências do ambiente militar no desenvolvimento humano. Para tanto, torna-se necessário compreender como a atividade militar evoluiu, suas características peculiares e quais necessidades ela encontra atualmente. Será apresentada uma definição para o campo da Psicologia Militar, conforme vem sendo aceita mundialmente, e apresentaremos exemplos de aplicações correntes. Apresentaremos, também, um conjunto de variáveis psicológicas que podem ser influenciadas pelo ambiente, modificando o desenvolvimento dos indicadores ao longo do ciclo vital. O desenvolvimento destas variáveis em ambientes militarizados será comparado com o desenvolvimento em ambientes convencionais.

### 1.2 Evolução da Organização Militar na História da Humanidade

A carreira militar é intrinsecamente associada à guerra. Contudo, a atividade militar organizada evoluiu ao longo da história das civilizações humanas. Ferroni (2003) faz um apanhado histórico sobre a organização das forças armadas, indicando que os primeiros combates registrados na história humana remontam a 3000 anos antes da Era Cristã (a.C.), na Mesopotâmia. Mas somente em 490 a.C. as fileiras de combatentes são organizadas em divisões com armas e missões peculiares. Assim, o imperador persa Dario I, tendo invadido a Grécia com cerca de 30.000 homens,



viu seu exército ser derrotado por cerca de 10.000 soldados das cidades-estado gregas. Foi o primeiro uso organizado da Infantaria. Os macedônios, posteriormente, aprimoraram a idéia grega, criando grupos de lanceiros e de cavalaria. O Império Romano ampliou ainda mais a organização militar, organizando pequenos blocos, mais ágeis e flexíveis. Instituiu, também, as linhas de suprimento e comunicação.

A expansão territorial iniciada por diversos países implementou a navegação oceânica. Novos combates foram travados em terras distantes. Porém, outras novidades foram ainda mais importantes nestas conquistas, como o uso de canhões. A partir do século XV o uso de canhões modificou o conjunto de estratégias a serem usadas em combate. O século XIX introduz a mecanização nas atividades militares. Esta mecanização seria posta em prática na I e II Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945), ocasionando um aumento expressivo no número de mortos em combates e no grau de destruição das cidades. Por exemplo, na II Guerra Mundial, 80% dos prédios de Hamburgo (Alemanha) foram destruídos pelos ataques de artilharia. Culminou com o uso das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, Japão, em agosto de 1945 (Ferroni, 2003).

No Brasil, em diferentes momentos históricos tivemos embates militares. Guerras como as do Paraguai e Cisplatina ajudaram a forjar nossas fronteiras atuais, enquanto guerras internas modificaram diversas políticas governamentais, tanto no Império quanto na República. Particularmente para o Exército Brasileiro, este período tornou-se referência para o desenvolvimento de diversas tradições militares (Castro, 2002). As Forças Armadas do Brasil (Marinha, Exército e Aeronáutica) são, em grande parte, responsáveis pela manutenção de nossas fronteiras e pela segurança institucional do país. Contudo, o contato da academia (universidades, centros de pesquisa, entre outros) com as Forças Armadas têm sido ínfimo.

O sistema de relações militar é definido pelo cumprimento de uma linha de comando rígida, baseada em hierarquia e disciplina. Ordens não são questionadas e são cobradas em diversas instâncias, produzindo-se um ambiente onde a maioria dos comportamentos é controlada. É interessante notar, por exemplo, que a justiça militar funciona como uma via de mão dupla, podendo-se cobrar direitos e deveres de baixo para cima e de cima para baixo, dentro do sistema

hierárquico. Todo militar tem uma instância superior a responder, seja um comandante ou um órgão fiscalizador. Tanto controle tem por finalidade evitar benefícios pessoais, para si ou para outros, e o prejuízo de outros por preferências pessoais. Enfim, o controle visa profissionalizar as relações entre os militares. No Brasil, a adoção regulamentar desta postura, que inclui ainda o afastamento de atividades político-partidárias, é razoavelmente recente em termos históricos. Foi implantada exitosamente no comando de José Pessoa, na Escola Militar do Realengo, somente a partir de 1931 (Castro, 2002). Destacava Pessoa que o objetivo das mudanças era criar “um novo estado psicológico” (Castro, 2002, p. 42), sob a primazia da disciplina militar.

Embora a maior parte da atividade militar em tempo de paz resuma-se a treinamentos físicos e técnicos, trabalho burocrático e comemoração de datas cívicas, a função final continua a mesma, ou seja, a guerra (Castro, 2002). Assim, diversos exércitos encontram-se em operação nos dias de hoje, e podemos destacar particularmente as Forças Armadas norte-americanas (Bonalume Neto, 2003).

### **1.3 Psicologia Militar nos Estados Unidos**

As raízes da Psicologia Militar nos Estados Unidos estão ligadas à American Association for Applied Psychology (AAAP – Associação Americana para Psicologia Aplicada). Entre os anos de 1944 e 1946, a American Psychological Association (APA – Associação Psicológica Americana) reorganizou sua estrutura, absorvendo a AAAP, fundada entre 1937-1938, e que congregava diversas associações relacionadas à Psicologia Aplicada. A base de formação da AAAP foi a Association of Consulting Psychologists (ACP – Associação dos Psicólogos Clínicos), fundada porque, inicialmente, a APA estaria mais preocupada em estabelecer o status de ciência psicológica do que dar apoio e formação aos psicólogos aplicados. A AAAP foi a mais poderosa organização de psicologia aplicada com a qual a APA e o National Resource Council (NRC - Conselho Nacional de Recursos) tiveram que lidar quando da reorganização da psicologia americana, em 1944 (APA, 2004a).

No início da II Guerra Mundial (1939), o NRC determinou o estabelecimento de uma comissão de serviço público para o caso de guerra, posteriormente denominado Comissão de Seleção e Treinamento de Pessoal Militar, sob a direção de John Yerkes. A APA e a AAAP também constituíram comitês para apoiar os esforços de guerra, sendo que estes esforços foram reunidos e coordenados pelo NRC no Comitê Emergencial em Psicologia. Participavam deste Comitê os maiores expoentes da psicologia americana da época sob o comando de Karl Dallenback. Enquanto Dallenback via o comitê como tendo um papel apenas de assessoria, Yerkes via nele a possibilidade de unir a psicologia acadêmica e aplicada. Conseguiu estabelecer um subcomitê de Pesquisa e Planejamento, propondo uma conferência da qual tomaram parte Richard Elliot, E. G. Boring, Edgar Doll, Calvin Stone, Alice Bryan, Ernest Hilgard, e Carl Rogers, todos membros proeminentes da APA e AAAP. Desta conferência surgiu uma agenda de reestruturação da psicologia americana, baseada na APA – considerada, então, a mais abrangente associação americana de Psicologia. Unificaram-se as associações americanas sob uma única associação – a APA – e mantiveram-se diversas divisões das associações anteriores, e destacamos aqui uma das divisões da AAAP, a divisão de Psicologia Militar, atualmente a Divisão 19 da APA – que manteve a mesma designação (APA, 2004a).

Provavelmente, o maior responsável pelo sucesso destas articulações foi o Dr. Yerkes. Durante a I Guerra Mundial, quando era presidente da APA, Yerkes mobilizou a entidade buscando auxiliar o esforço de guerra norte-americano. Deste empenho surgiram os testes Army Alpha e Army Beta, além de uma série de outros estudos sobre medida de moral da tropa, avaliação de estabilidade emocional, performance humana, avaliação de habilidades, entre outros (APA, 2004b, Driskell & Holmstead, 1989). Participaram deste esforço psicólogos como Edwin G. Boring, James McKeen Cattell, G. Stanley Hall, Walter Dill Scott, Carl E. Seashore, Edward K. Strong, Lewis M. Terman, Edward L. Thorndike, John B. Watson, e Robert S. Woodworth. Houve um hiato no estudo e prática da psicologia militar nos anos de 1920 e 1930, retornando no período da II Guerra Mundial. Nesta segunda fase, cerca de 2000 psicólogos, civis e militares, participaram diretamente do esforço de guerra. O interesse pela área foi tão grande que cursos específicos para atualização na

área eram oferecidos nos periódicos especializados, com conteúdos sobre utilização de técnicas tipicamente psicológicas para a resolução de situações-problema militares (Case & Pennington, 1942). Neste caso, o curso oferecido pela Universidade de Illinois era dirigido para estudantes das áreas de Ciência Militar Avançada e de Tática.

Assim, pode-se afirmar que a psicologia militar americana nasce na I Guerra Mundial, ressurgiu na II e ampliou-se, incluindo agora pesquisas sobre fatores ambientais que influenciam o desempenho humano, inteligência militar, psicologia das operações militares e combate, seleção de membros para as forças especiais, entre outros. Considerando-se a ampliação das atividades em Psicologia Militar, destacamos a proposta de definição de campo de Driskell e Holmstead (1989) como sendo “definido não por um conjunto comum de técnicas (como é a psicologia experimental) nem por um conjunto de problemas (como é a psicologia do desenvolvimento), mas sim pela área de aplicação – a militar” (p. 43). A Psicologia Militar é um microcosmo de todas as áreas de atuação psicológicas e, conseqüentemente, oferece oportunidade para psicólogos de todas as linhas, incluindo, mas não limitado a estes, psicólogos que desejam passar suas carreiras ou parte delas em um uniforme militar (APA, 2004b, Driskell & Holmstead, 1989).

É interessante observar que a Psicologia Militar, sob este ponto de vista, é uma oportunidade para fazer uma diferença significativa na vida de muitos indivíduos, na operação de grandes organizações e na estabilidade da nação. Algumas contribuições que podem ser feitas pelo psicólogo militar (APA, 2004b) são trabalhar com saúde mental ou terapia familiar para melhorar a vida do pessoal em serviço e suas famílias, pesquisar para selecionar e indicar recrutas para possíveis trabalhos, analisar missões humanitárias e de paz para determinar procedimentos que podem salvar vidas militares e civis. Destes exemplos, destacamos o último, por já ter sido implementado no Brasil (Schincariol & Vasconcelos, 2002).

#### **1.4 Psicologia Militar na Europa e Ásia**

Embora o berço da Psicologia Militar possa ser identificado nos Estados Unidos, diversos países da Europa e Ásia têm avançado no campo. Estudos recentes podem ser apontados na Suécia

(Larsson & Hayward, 2001; Thunholm, 2001; Larsson, Michel & Lundin, 2000), Alemanha (Lengwiler, 2003; Melter, Hamann, Kutschke & Storm, 2002; Brunner, 2000; Mayer & Rotte, 1999), Reino Unido (Wessely, 2003; Bourke, 2001; McCormack & Mellor, 2002; Leach, 2002; Oordt, 2001; Leggatt & Noyes, 2000, Bridger, 2000), França (Dorna, 1998), Israel (Dekel, Solomon, Ginzgurb & Neria, 2003; Bar-Joseph & Kruglanski, 2003; Dvir, Eden, Avolio & Shamir, 2002; Shulman, Levy-Shiff & Scharf, 2000; Shamir, Goldberg-Weill, Brainin, Zakay & Popper, 2000; Shamir, Brainin, Zakay & Popper, 2000; Vertzberger, 1998), Dinamarca (Hansen-Schwartz, Jessen, Andersen & Jorgensen, 2002), Japão (Shigemura & Nomura, 2002; Kodama, Nomura & Ogasawara, 2000), Noruega (Larsen, 2001; Sandal, Endresen, Vaernes & Ursin, 1999; Sandal, Gronningsaeter, Erikson, Gravraakmo, Birkeland & Ursin, 1998) e Turquia (Suemer, Suemer, Demirutku & Cifci, 2001). A Tabela 1 apresenta estes trabalhos e seus respectivos temas.

Tabela 1. Estudos Europeus e Asiáticos em Psicologia Militar

País	Autor	Tema
Suécia	Larsson & Hayward	Performance de pilotos em situação de ejeção
	Larsson, Michel, Lundin	Avaliação de diferentes formas de suporte após situação de combate
	Thunholm	Tendência de militares a responder de forma socialmente desejável a testes de personalidade
Alemanha	Lengwiler	Origens da psiquiatria militar na Alemanha pré I Guerra Mundial
	Melter, Hamann, Kutschke, Storm	Inovações na avaliação de atitudes nas Forças Armadas Alemãs (desenvolvimento de testes psicológicos)
	Brunner	Etiologia das neuroses de guerra pós I Guerra Mundial
	Mayer, Rotte	Efeito da transferência de armamentos dos Estados Unidos e União Soviética para Israel e região sobre a estabilidade do Oriente Médio
	Reino Unido	Wessely
	Bourke	Estudo prospectivo sobre o desenvolvimento da psicologia militar no Reino Unido após as duas Grandes Guerras
	McCormack, Mellor	Relação entre características medidas pelo modelo dos Cinco Grandes Fatores (Big Five) e efetividade na liderança de oficiais das Forças Armadas Australianas
	Leach	Fatores psicológicos que podem predispor um militar a ser capturado ou evadir em situação de combate
	Oordt	Uso de terapia cognitiva para minimizar os efeitos do uso de máscaras contra gás no desempenho de militares
	Leggatt, Noyes	Uso de sistema de mapas digitais para redução da carga de trabalho de equipe de militares em veículos blindados
	Bridger	Uso de comunidade terapêutica no tratamento de problemas psicológicos durante e após a II Guerra Mundial

França	Dorna	Relação entre as questões históricas e correntes da psicologia política francesa e as estratégias de defesa nacional e psicologia militar
Israel	Dekel, Solomon, Ginzburg, Neria	Exposição em combate, tempo de permanência em guerra e ajustamento psicológico entre ex-combatentes
	Bar-Joseph, Kruglanski	Análise das falhas do serviço de inteligência israelense durante o ataque realizado no Yom Kippur de 1973, em uma perspectiva cognitivista
	Dvir, Eden, Avolio, Shamir	Impacto de diferentes técnicas de liderança sobre a efetividade da liderança
	Shulman, Levy-Shiff, Scharf	Relações familiares, saída de casa e ajustamento ao serviço militar
	Shamir, Goldberg- Weill, Breinen, Zakay, Popper	Diferenças no estilo de liderança em unidades de infantaria e unidades blindadas
	Shamir, Brainin, Zakay, Popper	Análise da percepção da prontidão para o combate do ponto de vista dos líderes, dos comandados e das relações dentro das unidades de combate
Dinamarca	Hansen-Schwartz, Jessen, Andersen, Jorgensen	Estudo de casos de suicídio entre soldados que serviram nas forças da ONU durante a década de 1990
Japão	Shigemura, Nomura	Operações de paz da ONU e seus efeitos sobre a saúde mental de militares
	Kodama, Nomura, Ogasawara	Efeitos do processo de seleção para atuar em missões de paz em militares japoneses
Noruega	Larsen	Efeito de <i>stress</i> e privação do sono na tomada de decisão
	Sandal, Endresen, Vaernes, Ursin	Características de personalidade e estilo de coping em tripulação de submarino
	Sandal, Gronningsaeter, Erikson, Gravraakmo, Birkeland, Ursin	Relação entre perfil de personalidade, restrição de alimento, repouso e sono e níveis séricos de cortisona e testosterona
Turquia	Suemer, Suemer, Demirutku, Cifci	Desenvolvimento de um modelo de avaliação de personalidade para a seleção de oficiais

Os trabalhos realizados na Europa e Ásia assemelham-se em conteúdo aos realizados nos Estados Unidos. De fato, poderíamos agrupá-los nas mesmas classificações gerais dos trabalhos americanos: seleção e classificação, treinamento, ergonomia, estressores ambientais, liderança e efetividade de equipe, comportamento individual e de grupo, clínica psicológica, entrevistas e pesquisa, e situações e sujeitos especiais (APA, 2004b).

Podemos notar uma preocupação em delimitar o campo clínico em diversos estudos. Lengwiler (2003) destaca a cooperação entre psiquiatras e o exército alemão no período de 1870 a 1914. Desta cooperação, a psiquiatria militar surge como disciplina independente, desempenhando papel importante no desenvolvimento de técnicas diagnósticas – como os testes de inteligência, e no

estabelecimento de ligações importantes entre os psiquiatras clínicos, autoridades militares e administrações local e nacional, fazendo a psiquiatria transitar de uma sub-disciplina médica à condição de “tecnologia social” mais amplamente aplicável, acessando os limites da normalidade e anormalidade em diferentes contextos. Brunner (2000) descreve a compreensão da medicina sobre as neuroses de guerra, especificamente entre profissionais dos exércitos alemão e austro-húngaro. Originalmente, o discurso médico tratava a neurose de guerra como algo tratável, que não era produzido exclusivamente pela situação de combate e cuja cura dependia basicamente de tratamento e vontade do paciente em superar os dramas da guerra. Os soldados que não superavam o problema eram tachados de covardes e fracos, impedidos de deixar o serviço militar e receber pensão por invalidez. Freud, ainda segundo Brunner, discorda da postura dos colegas, enquadrando a neurose de guerra sob um prisma mais realista e identificando o paciente como uma vítima de guerra. Kloocke, Schmiedebach e Priebe (2005) confirmam este entendimento e concluem que a psiquiatria produziu compreensões adequadas à sociedade e à ideologia militar da época.

Bourke (2001), por sua vez, trata dos papéis e contribuições de psicólogos e psiquiatras durante as duas Grandes Guerras. Identifica as principais discussões da época orbitando em torno da natureza do trauma em tempos de guerra, o papel dos psicólogos sociais na redução dos níveis de ingerência da administração pública em geral e as formas que o pensamento psicológico contribuiu nas mudanças nos sistemas de treinamento militar no exército britânico. Bridger (1996) observou como era possível a formação de um sentido de comunidade entre os pacientes e equipe de um hospital psiquiátrico militar britânico, com capacidade para 800 leitos. Neste ambiente, a rotatividade – tanto de pacientes quanto da própria equipe – era alta.

Observamos, também, diversas aplicações dos conhecimentos desenvolvidos na clínica psicológica militar. Oordt (2001) descreve um estudo de caso bem-sucedido do emprego de técnicas cognitivo-comportamentais para enfrentar a ansiedade gerada pelo uso de máscara contra gases. A ansiedade causada pelo uso de máscara contra gases está associada a um comprometimento no desempenho do militar e em aumento nos riscos a sua segurança. Múltiplos fatores estão relacionados a esta ansiedade em particular, incluindo sensações físicas, reações cognitivas e

emocionais, comportamento, condicionamento e demandas situacionais. O autor propõe um protocolo de tratamento para este tipo de ansiedade, ilustrando sua aplicação através de um estudo de caso. Outros pesquisadores (Larsson, Michel & Lundin, 2000) observaram que a variação de saúde mental dos soldados suecos após uma experiência de trauma de combate, em missões de paz na Bósnia, estava mais relacionada com a saúde mental antes do serviço militar do que com o trauma em si ou o suporte dado. Soldados que apresentavam uma saúde mental pior antes dos eventos tendiam a ter mais complicações do que os outros, independentemente do apoio recebido. O apoio recebido dos pares e sessões de neutralização após o evento apresentaram efeito positivo sobre a saúde mental dos soldados que apresentavam saúde mental melhor antes do evento traumático. Não foram avaliadas as possíveis relações entre saúde mental e o *briefing* da missão por falta de dados. O *briefing* da missão é uma apresentação dos objetivos militares da ação, dos possíveis inimigos, riscos e estratégias prévias. Wessely (2003) faz uma revisão sobre o papel do *briefing* antes e depois de operações como uma medida de prevenção ou minimização dos efeitos de um evento traumático. Aponta, contudo, para questões práticas, teóricas e éticas envolvidas nas apresentações feitas aos militares. Para ele, está claro que existem objeções possivelmente insuperáveis – por exemplo, questões estratégicas – para que se possa adotar o *briefing* como uma técnica padronizada de minimização de traumas e que são necessários ainda muitos estudos sobre o tema para estabelecer uma vinculação precisa entre as variáveis.

A exposição a situações de risco tem motivado o desenvolvimento de diversos estudos, especialmente para grupos que atuaram ou atuarão em missões de paz. Kodama, Nomura e Ogasawara (2000) estudaram o efeito do processo seletivo e de treinamento em candidatos japoneses ao serviço em missões de paz. Os dispensados apresentavam mais sintomas de ansiedade e *stress*, contudo, os designados para a missão também apresentavam sintomas de *stress*, mas mais prevalentemente sintomas somáticos. Shigemura e Nomura (2002) apontam para a necessidade de maiores desenvolvimentos na área, uma vez que até o fim da Guerra Fria (período de relações beligerantes não-declarado entre Estados Unidos e a extinta União Soviética) pouca importância se deu às missões de paz e seus efeitos sobre a saúde dos militares envolvidos. Eles observam que



soldados que participaram de missões de paz enfrentaram um grande número de eventos estressores e desenvolveram problemas físicos e psíquicos. Apontam, também, que não existe consenso sobre as formas de intervenção para estes casos. Schincariol e Vasconcelos (2002) trabalharam no suporte aos parentes de militares brasileiros deslocados em missão de paz. Naquele momento, ainda não havia suporte sistematizado às forças de paz brasileiras, que veio a ser implantado posteriormente e ainda está em processo de avaliação. Percebemos este suporte como necessário, uma vez que Hansen-Schwartz e colaboradores (2002) observam que a incidência de suicídios entre militares dinamarqueses após participação em missões de paz é superior ao padrão nacional, num período de apenas um ano após o desligamento do serviço.

Situações extremas vêm sendo estudadas longamente no meio militar. Dadas as condições ímpares a que estão submetidos, os militares enfrentam situações cujas decisões implicam em vida ou morte, sua ou de outros, freqüentemente. Larsen (2001) verificou como jovens oficiais noruegueses (N = 44), em condições de *stress* severo e privação de sono, reagiam à ordem de atirar com munição real e, subitamente, seus alvos eram substituídos por seres humanos. A maioria deles (59%) disparou suas armas, enquanto a outra parte não puxou o gatilho quando notou a presença de pessoas na linha de tiro. Contudo, somente um deles tentou avisar aos colegas para pararem de atirar. O pesquisador indica que, nestas condições, além da maioria não fazer o julgamento mais adequado (não disparar), os oficiais que não dispararam não conseguem evitar que seus colegas o façam. Larsson e Hayward (2001) estudaram 49 casos de ejeção de 24 pilotos da força aérea australiana e 24 da força aérea sueca. As estratégias de *coping* utilizadas pelos pilotos foram avaliadas, concluindo que as melhores performances estavam relacionadas com mudanças nas avaliações e auto-controle instrumental. As piores performances estavam relacionadas com avaliações do episódio como sendo irrelevante ou ameaçador. Observou também que, psicologicamente, os pilotos lidam melhor com as situações provocadas por falhas mecânicas do que com aquelas produzidas por erro humano.

A confiança no grupo e na liderança também é fator vital para o desempenho das forças militares. Shamir, Brainin, Zakay e Popper (2000) avaliaram a percepção de prontidão para o

combate em termos de crença na efetividade coletiva. Observando variáveis como experiência dos soldados, tempo de comando dos oficiais, confiança dos oficiais na unidade, confiança dos soldados nos oficiais, disciplina da unidade e identificação dos membros com a unidade, concluíram que o fator mais importante para a percepção de prontidão para o combate é a identificação com a unidade, embora os outros fatores também sejam. A percepção de oficiais e soldados, em relação aos outros fatores, parece ser diferente, sugerindo que cada grupo avalia a prontidão para o combate a partir de prismas distintos. Dvir e colaboradores (2002), estudando técnicas de liderança, observaram que militares treinados em liderança de transformação obtinham maior impacto sobre a performance de seus subordinados diretos e indiretos do que aqueles treinados de forma eclética. A proposta experimental dos autores, realizada com militares israelenses, abrangeu cerca de 50 líderes, 90 subordinados diretos e cerca de 720 subordinados indiretos. Shamir e colaboradores (2000), contudo, observaram que unidades blindadas e não-blindadas requerem maneiras diferentes de liderar. Avaliando os padrões de liderança e performance de unidades de cavalaria (blindada) e infantaria (não-blindada), observaram que a natureza mais tecnologicamente dependente e mecânica das unidades blindadas requer conhecimentos e procedimentos diferenciados, implicando na necessidade de desenvolver técnicas de liderança específicas para este tipo de unidade. Concluem que se deve dar mais atenção às diferenças entre as unidades para definir os padrões de liderança mais adequados.

McCormack e Mellor (2002) utilizaram o modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) de Personalidade para prever efetividade de liderança em oficiais do exército australiano e se eles seriam indicados ou não para a realização de cursos de aperfeiçoamento na área, visando suas promoções. Teoricamente, previam que escores altos em todos os fatores, exceto Neuroticismo, seriam bons preditores. Contudo, seus dados indicam que apenas alto Intelecto e baixo Neuroticismo são bons preditores da performance em liderança e possibilidade de promoção. Escores altos em Realização também são indicadores de possibilidade de promoção, mas não de performance em liderança.

Variáveis de personalidade têm sido estudadas com interesse na área militar. Sandal e colaboradores (1999) observaram que tripulações de submarinos noruegueses conseguem lidar bem com as dificuldades (falta de privacidade, tensão interpessoal, aglomeração de pessoas) inerentes ao ambiente, desde que sejam utilizadas técnicas de resolução de problemas focadas no problema, haja boa sensibilidade interpessoal na tripulação e forte motivação para a atividade. Esta combinação de fatores evita *stress* e outras doenças incapacitantes. Sandal e colaboradores (1998) replicaram estudos americanos em militares do exército e força aérea noruegueses, avaliando elementos de personalidade, *coping* e parâmetros endócrinos. Observaram que, após submetidos a exercícios estressantes – incluindo restrição de comida, repouso e sono – a quase totalidade dos participantes respondia com sintomas fisiológicos de *stress*. Militares com fortes traços instrumentais e expressivos apresentavam menores valores de cortisol e maiores proporções de testosterona-cortisol que outros, o que foi considerado um indicativo de *coping* superior. Suemer e colaboradores (2001) desenvolveram um construto de personalidade para a seleção de oficiais nas forças armadas turcas. Partindo de uma lista de atributos gerada por oficiais da ativa e da reserva, solicitaram a um grupo de 447 oficiais que avaliassem o peso de cada item da lista. Chegaram a um modelo de cinco fatores: disciplina intelectual, fator militar, auto-confiança, sociabilidade-extroversão e liderança. Este modelo foi comparado com soluções de um e dois fatores, sendo que a solução com cinco fatores mostrou-se a mais adequada, demonstrando evidências para a validade de construto. Leach (2002) relacionou características de personalidade e a tendência a ser capturado ou evadir em situação de combate. Utilizando o Questionário de Personalidade de Eysenck e o Inventário de Personalidade Multifásico de Minnesota, observou que o grupo de capturados apresentava escores mais altos nas escalas de Paranóia e Histeria do MMPI e na escala de Mentira do EPQ, antes da realização dos exercícios de sobrevivência e de fuga e evasão. Não havia diferença de idade ou tempo de serviço entre os grupos. Ou seja, escores altos em Paranóia e Histeria indicam predisposição para ser capturado em caso de situação de combate. Dekel e colaboradores (2003) analisaram os efeitos de exposição a estressores específicos no campo de batalha (situações de risco de vida, ferimento e morte, combate ativo e falhas dos colegas de exército israelense) durante a

Guerra do Yom Kippur (1973). Observando três grupos de soldados (casos de *stress* de combate, heróis condecorados e grupo controle – aqueles que desempenharam seu papel sem qualquer distinção especial), notaram que os soldados condecorados como heróis, mesmo expostos mais freqüentemente a maiores riscos, apresentavam funcionamento melhor que os soldados dos dois outros grupos. Num estudo longitudinal, cerca de duas décadas depois, estes soldados destacados ainda apresentavam menor taxa de *stress* pós-traumático e melhores indicadores gerais de saúde mental. Thunholm (2001) estudou a tendência de militares suecos responderem de maneira socialmente desejável a inventários de personalidade. Utilizando a escala de Marlowe-Crowne de Desejabilidade Social e comparando-a com o resultado em três diferentes escalas de personalidade, notou que os militares suecos tendem a responder de maneira socialmente desejável significativamente mais freqüentemente que seus compatriotas (que serviram de norma para as escalas) e estudantes universitários. O autor aponta a necessidade de “parecer bom” e a dificuldade de responder a escala Likert de cinco pontos como elementos responsáveis pelo resultado.

A preocupação com os processos seletivos está presente em alguns estudos. Shulman, Levy-Shiff e Scharf (2000) desenvolveram estudos sobre o ajustamento individual nas primeiras semanas de treinamento básico dos soldados do exército israelense. Observaram que os padrões familiares estavam ligados a diversos elementos da vida da caserna: proximidade com os melhores amigos, rede social, e avaliação dos comandantes sobre a qualidade militar e habilidade social dos soldados. Os resultados reiteram a importância das relações familiares na integração às forças armadas e ao momento em que estes jovens deixam a residência com os pais. Melter e colaboradores (2002) descrevem a modernização de medidas de atitude no processo seletivo do exército alemão. Após analisarem diferentes modelos de testagem de atitudes, apresentam diversas sugestões envolvendo a aplicação de instrumentos intermediada por computadores, Internet, sistemas adaptativos e geradores de itens automáticos.

Outros estudos têm se ocupado de questões mais abrangentes, como o efeito das políticas de defesa e segurança nacional na vida cotidiana das pessoas. A busca das ligações entre questões políticas, conhecimentos de psicologia social e psicologia militar são importantes para a

compreensão dos movimentos de defesa e segurança nacional, bem como das soluções administrativas dadas para estas questões (Dorna, 1998). Mayer e Rotte (1999) analisaram o impacto do fluxo de armas sobre os conflitos no Oriente Médio e a possibilidade de ações militares. Observaram que a presença de superpotências (Estados Unidos e União Soviética) tinha efeitos diferentes na região, contrariando teorias anteriores. Além disso, notaram também que, após um certo fluxo de armamentos para a região, esta variável deixou de ser importante para a manutenção da estabilidade local. Bar-Joseph e Kruglanski (2003) estudaram as falhas do serviço de inteligência israelense durante o ataque do Yom Kippur, em 1973. De fato, observaram que importantes figuras do serviço de informação israelense não conseguiram processar as informações claras de que um ataque era iminente, pois ficaram presos a um pensamento convencional de que um ataque a Israel era improvável. Os autores sugerem estratégias cognitivas para lidar com este tipo de impedimento psicológico e permitir a abertura para os dados que possibilitariam classificar adequadamente as circunstâncias.

Adler e Bartone (1999) realizaram uma pesquisa com 30 profissionais de saúde mental que trabalham em ambientes militares em 23 países diferentes. Constataram diferenças culturais no que diz respeito ao papel do psicólogo no ambiente militar e na passagem para reserva, o grau de isolamento profissional, e os serviços específicos providos pelo psicólogo. Similaridades incluem a resposta ambivalente ao campo de saúde mental pelas autoridades militares, o uso da psicologia como ferramenta preventiva e o grau de interesse em contato e trocas de experiências internacionais. Estes achados indicam, em parte, o desenvolvimento mundial de uma área específica de atuação e uma série de necessidades que ainda precisam ser vencidas.

### **1.5 Psicologia Militar na América Latina e Brasil**

A Psicologia Militar ainda é insipiente na América Latina. Revisando os últimos dez anos de publicações indexadas no PsychInfo (<http://www.periodicos.capes.gov.br>), não foi possível localizar publicações de autores latino-americanos. Isto não significa que não existam pesquisas feitas na área de Psicologia Militar, mas que estes trabalhos não estão publicados em periódicos

indexados. Mais provavelmente estão publicados em periódicos especializados do meio militar. Mesmo no Brasil, onde se tem notícia do único centro de referência em estudos psicológicos aplicados às Forças Armadas (Centro de Estudos de Pessoal – CEP, Exército Brasileiro) da América Latina, as publicações pertinentes ao campo da Psicologia Militar estão apresentadas em periódicos de outras áreas.

Contudo, estudos em Psicologia Militar surgiram no Brasil há muito mais tempo. Um espanhol, formado em Medicina e especialista em Psiquiatria, foi o introdutor da Psicologia no contexto militar brasileiro. Emilio Mira y López escreveu, entre outros, “Psicologia Militar” (1949, primeira edição em 1947), definindo as práticas psicológicas de seleção e treinamento militar adotadas pelo Exército Brasileiro da época. Convém destacar que Mira y López promoveu a popularização da Psicologia, principalmente da Psicometria, através de suas atividades no ISOP (Instituto de Seleção e Orientação Profissional) na Fundação Getúlio Vargas. Sua atuação introduziu a psicologia aplicada nas escolas, empresas e no próprio imaginário nacional (Russo, 2002). Mira y López atuou durante muito tempo como assessor do Exército, implementando diversos processos de seleção para a atividade militar. Destaca-se, particularmente, a seleção de pilotos para a Aviação do Exército (que viria a ser a origem da Força Aérea Brasileira) com o uso do PMK (Psicodiagnóstico Miocinético), em uso até os dias atuais.

Alguns estudos atuais na área já são conhecidos (como Schincariol & Vasconcelos, 2002, tratando sobre preparação de militares para missões de paz e apoio psicossocial aos seus familiares), e existe uma insistente tentativa em sistematizar-se a área de conhecimento da Psicologia Militar como legítima área de atuação do psicólogo. Zorzo (2004) desenvolveu estudos sobre aspectos ergonômicos e qualidade de vida em organizações militares. Rosa (2003, 2002) tratou do tema “Psicologia Militar” em congressos nacionais e latino-americanos. Este esforço conta com a colaboração do CEP, e tem se desdobrado em convênios com Polícias Militares e Universidades do país. A iniciativa já rendeu alguns frutos, sendo o mais notório a formação de um grupo de pesquisa articulado junto ao CNPq e na abertura de Edital conjunto do Ministério da Educação e Cultura e Ministério da Defesa para desenvolvimento de pesquisas junto às Forças Armadas brasileiras.

## 1.6 A Influência do Ambiente no Comportamento Humano

Historicamente, uma das preocupações da Psicologia foi estabelecer os limites entre a influência de fatores hereditários e fatores ambientais no comportamento humano. Diversos autores que tratam da questão do desenvolvimento humano destacam a influência de fatores ambientais (Cole & Cole, 2004). Estudos com gêmeos são uma expressão atual desta preocupação (D’Onofrio, Turkheimer, Eaves, Corey, Berg, Solaas & Emery, 2003; Eley, Bolton, O’Connor, Perrin, Smith & Plomin, 2003; Spinath & O’Connor, 2003, entre outros). Nestes estudos, verificam-se as relações entre a herança genética e o comportamento, traduzido em padrões de personalidade, de gêmeos univitelinos. As diferenças encontradas entre os pares de gêmeos em termos de personalidade, *coping*, *stress* e outras questões desenvolvimentais são atribuídas a fatores ambientais. A lógica por detrás dos estudos com pares de gêmeos, particularmente os univitelinos, é que se a carga genética é a mesma, as diferenças desenvolvimentais provavelmente podem ser atribuídas à influência de fatores ambientais.

Diversos estudos têm sido desenvolvidos relacionando variáveis ambientais e comportamento humano. Alguns destes estudos investigam relações entre fatores ambientais, fatores genéticos, personalidade e situações militares (Scherrer, True, Xian, Lyons, Eisen, Goldberg, Lin & Tsuang, 2000; Stein, Jang, Taylor, Vernon & Livesley, 2002; Thunholm, 2001; além dos estudos já descritos na seção 1.4). A compreensão das relações de influência entre fatores genéticos e ambientais para os sintomas de pânico e ansiedade (Scherrer e colaboradores, 2000) é, de fato, necessária para a designação de militares para determinadas atividades. A compreensão de como pares de gêmeos reagem a situações de trauma e apresentam sintomas de distúrbio pós-traumático tem aplicação direta nas situações militares de alto risco (Stein e colaboradores, 2002). O ambiente militar é peculiar, visto que é orientado pela missão que lhe é atribuída, ou seja, estar apto para entrar em uma guerra e vencê-la. Todos os fatores que não dizem respeito a esta missão são secundários (Driskell & Olmstead, 1989).

Leggatt e Noyes (2000) apontam que o uso de mapas digitais, por exemplo, incrementa a performance de pilotos de carros de combate bem como de seus comandantes, permitindo cumprir mais precisamente tarefas primárias e secundárias, e diminuindo a carga de trabalho geral da equipe. Liebermann, Bathalon, Falco, Morgan, Niro e Tharion (2005) observaram que soldados apresentam grandes decréscimos cognitivos quando submetidos a situações de *stress* em simulações de combate. Independente do tempo de serviço e do treinamento especializado recebido anteriormente, o desempenho cognitivo da linha de base (situação normal) é reduzido para índices menores do que aqueles que ocorreriam em casos de abuso de álcool, drogas ou hipoglicemia. As implicações destes achados nas operações de combate real são extensas, particularmente para os responsáveis por planejar estratégias de combate, desenvolver doutrinas, combatentes e, especialmente, os líderes, que devem considerar que a situação de combate reduzirá severamente a capacidade cognitiva de seus comandados. Outros autores (Thomas, Adler, Wittels, Enne & Johannes, 2004) já indicavam que a execução de tarefas não treinadas anteriormente aumentava drasticamente as demandas físicas e psicológicas entre soldados de grupos de elite – que são altamente especializados. Owen, Turley e Casey (2004) monitoraram os níveis de glicose sanguínea de militares em um exercício de campo de quatro dias de duração a cada 24 horas. Nas primeiras 24 horas registraram um aumento nos sintomas de hipoglicemia, decréscimo no vigor físico, e aumento de fadiga. Após 48 horas, registraram sentimentos de depressão, raiva e confusão e decréscimo na capacidade de vigilância. A retomada de memória de médio prazo também decresceu. Entre 48 e 72 horas, houve um decréscimo na qualidade de memória imediata, enquanto a retomada de memória de médio prazo e a vigilância permaneceram em níveis abaixo da linha de base inicial. Após as 96 horas de exercícios, os níveis de glicose haviam alterado apenas 2%, levando os autores a concluir que os problemas cognitivos possivelmente derivariam de uma significativa privação de sono.

No presente estudo, optamos por comparar um conjunto de variáveis psicológicas que, hipoteticamente, seriam influenciadas por este ambiente. O bem-estar subjetivo, os estilos parentais e características de personalidade dos participantes foram investigadas, considerando-se que a literatura nestas áreas indica relações de influência do ambiente sobre estas variáveis.



### 1.6.1 Bem-Estar Subjetivo

A noção de bem-estar subjetivo aparece em diversos termos aplicados em pesquisa, tais como felicidade, satisfação, afeto positivo e estado de espírito. Pode-se dizer, de forma ampla, que seria como as pessoas avaliam suas vidas (Diener, 1996). Mais precisamente, este construto diz respeito a como e por que as pessoas experienciam suas vidas positivamente.

Este construto, que só vêm sendo tratado por cientistas sociais e do comportamento a partir da década de setenta, tem suas definições agrupadas em três categorias, de acordo com Diener (1984). A primeira é baseada em critérios externos, tais como santidade ou virtude, sendo chamada de definição normativa – porque define o que é desejável – e a felicidade não é pensada como um estado subjetivo, mas antes como o possuir uma qualidade desejável.

A segunda categoria de definição de bem-estar, formulada por cientistas sociais, investiga os questionamentos sobre o que leva as pessoas a avaliar suas vidas em termos positivos. É chamada de satisfação de vida e utiliza os padrões dos respondentes para determinar o que é a vida feliz.

A terceira definição considera a preponderância do afeto positivo sobre o negativo, conforme propõe Bradburn (1969). Enfatiza a experiência emocional de satisfação ou prazer. Aponta o quanto a pessoa está experienciando emoções positivas ou negativas durante um período específico da vida, ou o quanto a pessoa está predisposta a essas emoções.

O bem-estar subjetivo é uma atitude e possui, pelo menos, dois componentes básicos: afeto e cognição (Ostrom, 1969). O componente afetivo envolve os componentes emocionais, enquanto o cognitivo refere-se aos aspectos racionais e intelectuais. Esta distinção auxilia o entendimento e a medida do construto, além de permitir que se divida o componente afetivo em positivo e negativo. Assim, bem-estar subjetivo é a avaliação emocional e cognitiva que a própria pessoa faz sobre como sua vida está transcorrendo.

Diener e Lucas (2000) indicam que as pessoas avaliam as condições de vida de forma diferente, de acordo com suas expectativas, valores e experiências anteriores. Outra característica intrínseca aos estudos sobre bem-estar subjetivo é que também focalizam os estados de longo-prazo

e não somente os humores momentâneos. O interesse está nos humores das pessoas ao longo do tempo, ainda que esses humores estejam sujeitos a alterações à medida que novos eventos aconteçam (Diener, Suh & Oishi, 1997). Observam-se, assim, tanto as características individuais como as influências ambientais nas transformações do bem-estar subjetivo.

Nos ambientes militares, diversos trabalhos estudaram as relações entre o ambiente militar e qualidade de vida, ou sob diferentes aspectos, o bem-estar subjetivo de militares. O'Donnell (2000) observou que, a longo prazo, ter prestado serviço militar não é por si só fator determinante de maior ou menor risco para a saúde mental em idade avançada. Griffith (2002) aponta que os soldados sentem-se mais confortáveis quando experienciam uma liderança mais suportiva e relações cooperativas entre os colegas de farda, tanto individualmente como em grupo, constroem uma boa identificação com a unidade em que servem – independentemente se desejam ou não continuar no exército – e percebem-se como mais preparados para o combate. McNulty (2005), após avaliar militares em períodos de pré, durante e pós-destacamento para serviço no Iraque, constatou diversos fatores que contribuem para o aumento do *stress* e redução do bem-estar dos militares: idade abaixo dos 25 anos, não ter filhos, não ter religião, ter até um único destacamento anterior, não ter educação superior e estar em acompanhamento psicológico. Além disto, militares nas condições estudadas apresentam alarmantes índices de ideação suicida (entre 2,4% e 4,9%). Adler, Huffman, Bliese e Castro (2005) avaliaram o efeito de longos tempos de destacamento para missões e do primeiro destacamento para missões em homens e mulheres do exército americano. Concluíram que, tanto longos destacamentos como o primeiro destacamento afetam os níveis de *stress* do pessoal envolvido. Contudo, apenas os homens são afetados por destacamentos mais prolongados. Schok e de Vries (2005) observaram que problemas de saúde afetam a qualidade de vida e a saúde geral relatada por veteranos holandeses, além de seu nível de independência, relações sociais, saúde psicológica e fatores ambientais. De maneira geral, estes decréscimos diminuem ainda mais a qualidade de vida dos participantes do estudo.

### 1.6.2 Estilos Parentais

O conceito de estilos parentais vem sendo desenvolvido por Diana Baumrind por mais de 30 anos (Baumrind, 1966). Ela classifica o comportamento parental com base em duas características: responsividade e demanda. A responsividade refere-se à maneira como pais intencionalmente estimulam a individualidade e a auto-afirmação dos filhos, sendo atentos, suportivos e atendendo as necessidades e demandas das crianças. A demanda refere-se às exigências que os pais fazem para integrar as crianças na família e na comunidade, por suas expectativas de maturidade. Assim, Baumrind (1997) classifica os estilos parentais em: autoritários (pouco responsivo e muito exigente), permissivos (muito responsivos e pouco exigentes), autoritativos (muito responsivo e muito exigente). Baumrind (1997) descreve o modelo autoritativo como sendo o ideal, verificando através de estudos longitudinais que este estilo parental é o que produz melhor adaptação dos indivíduos no seu desenvolvimento subsequente.

Conforme destacam Reppold, Pacheco, Bardagi e Hutz (2002), o termo “autoritativo” não existe na língua portuguesa, mas é extensamente utilizado e reconhecido. Sua origem é o termo em inglês “*authoritative*”, que indica a autoridade com valores intrínsecos, que se fez merecer. Enquanto o termo “*authoritarian*” (autoritário) indica a autoridade absoluta ou aquela que é exigente de obediência. Indicam também que Maccoby e Martin (1983, em Reppold e cols., 2002) apresentam uma distinção importante do modelo de Baumrind, a divisão do padrão permissivo em indulgente e negligente. Pais indulgentes são mais comprometidos com as responsabilidades parentais (mais responsivos) enquanto pais negligentes são menos comprometidos (menos responsivos). Contudo, ambos são igualmente pouco exigentes. Esta divisão de estilos parentais (ou seja, autoritário, autoritativo, indulgente e negligente) tem sido a mais utilizada nos estudos atuais.

É interessante notar que, em diversos estudos recentes sobre disciplina e afeto e seus efeitos no desenvolvimento, o estilo parental autoritativo é apontado como o que produz melhor adaptabilidade do sujeito. Tal constatação independe da cultura, como apontam Reppold e colaboradores (2002), analisando estudos com amostras orientais e ocidentais. Além disso, indicam que fatores sócio-econômicos, gênero da criança e dos pais, tipo de filiação (biológica ou adotiva),

ordem de nascimento e idade dos filhos atuam como moderadores da relação entre estilo parental e ajustamento psicossocial de crianças e adolescentes. Entretanto, estudos em ambientes militares constataram que filhos de pais autoritativos apresentam mais sintomas depressivos, experienciam mais *stress* e apresentam menor auto-estima do que filhos de pais autoritários ou indulgentes após o seu treinamento básico de três meses no exército israelense (Wintre & Ben-Knatz, 2000). Tais achados merecem ser observados na realidade brasileira e comparados.

### 1.6.3 Personalidade

O conceito de personalidade é um dos mais antigos e abrangentes da Psicologia. Sua construção está ligada à necessidade de compreender adequadamente os comportamentos e ações humanas. Assim, a personalidade seria o conceito que representa aquilo que a pessoa é, demarcando, definindo e representando as características individuais do sujeito (comportamentos, sentimentos, atos e preferências) em termos comuns, comparáveis a outros sujeitos (Alchieri, 2005).

A personalidade pode ser entendida como um padrão individual de resposta aos diferentes estímulos ambientais e necessidades pessoais. A herança genética é, sem dúvida, uma das fontes de variação no padrão de personalidade do indivíduo. A outra fonte de variação é, certamente, o ambiente. Por isso o interesse no estudo de gêmeos univitelinos é tão grande e atual (conforme indicado anteriormente em D’Onofrio & cols., 2003; Eley & cols., 2003; Spinath & O’Connor, 2003).

No último século ocorreu uma expansão nas proposições explicativas da personalidade humana. A diversidade teórica é ampla, com extremos que assumem posições formalmente opostas quanto à constituição e funcionamento da personalidade. Tais questões são correntes na Psicologia, e são amplamente discutidas e apresentadas em diversas fontes (Hall, Lindzey & Campbell, 2000; Pervin & John, 2004 e Schultz & Schultz, 2002). Contudo, mesmo os mais ferrenhos defensores das mais diversas posições teóricas admitem a influência do ambiente no desenvolvimento da personalidade (Hall, Lindzey & Campbell, 2000; Pervin & John, 2004 e Schultz & Schultz, 2002), bem como nas mais diversas características de desenvolvimento humano (Cole & Cole, 2004).

Diferentes orientações teóricas desenvolveram abordagens distintas sobre personalidade. Diversos teóricos obtiveram destaque na área através de suas teorias originais sobre o funcionamento da personalidade: Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Alfred Adler, Erik Erikson, Henry Murray, Gordon Allport, Raymond Cattell, Hans Eysenck, George Kelly, Carl Rogers, B. F. Skinner e Albert Bandura, entre outros (Hall, Lindzey & Campbell, 2000; Pervin & John, 2004).

A proposta freudiana, baseada na estrutura tripartite da personalidade, subdividiu-se em diversas linhas divergentes a partir de seu círculo original. Algumas completamente independentes, como a de Jung, outras como modificações profundas da proposta original, como a de Adler. Allport, por sua vez, funda uma linha de pensamento independente, influenciando vivamente a produção teórica americana e mundial. As propostas cognitivistas e sociais tomam corpo principalmente a partir da segunda metade do século XX. E destas proposições diversas podemos acompanhar o desenvolvimento de instrumentos de avaliação de personalidade de diferentes tipos (Cole & Cole, 2004; Hall, Lindzey & Campbell, 2000; Pasquali, 2003; Pervin & John, 2004 e Schultz & Schultz, 2002)

As influências dos modelos teóricos freudianos fazem-se sentir atualmente, tanto nas práticas clínicas como na pesquisa. Contudo, se existe uma tendência central no desenvolvimento de teorias explicativas do funcionamento da personalidade humana, esta tendência é o modelo fatorial.

O desenvolvimento de tecnologias permitiu o surgimento de novos métodos de análise de dados. Segundo Pasquali (2003), podemos considerar o período entre 1930 e 1940 como a era da análise fatorial, com o desenvolvimento de diversas propostas de compreensão da personalidade humana através de uma perspectiva de análise fatorial. Destacam-se, neste período, os trabalhos desenvolvidos por Thurstone, criando modelos de análise fatorial múltipla e escalonagem psicológica (Pasquali, 2003). Podemos citar, também, o trabalho de Tupes e Christal na década de 50 (conforme Nunes & Hutz, 2002) para a Força Aérea Americana, que deu origem ao modelo fatorial conhecido como Big Five, ou Cinco Grandes Fatores de Personalidade (CGF). Este modelo, cujo desenvolvimento se deu mais recentemente, é contemporâneo dos trabalhos de Fiske, Cattell e

Eysenck (Nunes & Hutz, 2002). Seguindo esta tendência, outros modelos teóricos foram adaptados ao modelo fatorial. O item 1.4 apresenta estudos utilizando o modelo CGF, relacionando escores em Intelecto e Neuroticismo como desempenho de liderança em oficiais. Outro estudo utilizando o modelo CGF (Halfhill, Nielsen, Sundstrom & Weilbaechea, 2005) observou que equipes militares que apresentavam escores altos em Intelecto e Sociabilidade eram avaliadas como tendo as melhores performances por seus superiores. Variâncias elevadas em Sociabilidade correlacionavam-se negativamente com a performance do grupo. Estes resultados indicam a clara relação entre variáveis de personalidade e trabalho em equipe.

A Teoria das Necessidades de Henry Murray, originalmente apresentada no livro “*Explorations in personality*”, de 1938, descreve uma necessidade como uma potencialidade ou prontidão para responder de uma certa maneira sob certas circunstâncias dadas. As circunstâncias dadas incluem aspectos ambientais e genéticos, além da própria história de vida do sujeito. As necessidades de um indivíduo, apesar de independentes entre si, acabam interagindo. Desta interação surge o padrão de comportamento único do indivíduo (Hall, Lindzey & Campbell, 2000).

As necessidades apresentadas por Murray em 1938 foram reduzidas ou condensadas a um conjunto de 15: Assistência, Dominância, Ordem, Denegação, Intracepção, Desempenho, Exibição, Heterossexualidade, Afago, Mudança, Persistência, Agressão, Deferência, Autonomia e Afiliação. Assistência indica o desejo de auxiliar aos necessitados ou que precisam de amparo; Dominância é o desejo de fazer valer o seu ponto de vista, o seu modo de fazer as coisas; Ordem é a necessidade de manter organização lógica e espacial de diferentes objetos; Denegação é definida como a tendência a aceitar críticas, ofensas, desaforos, sem reagir; Intracepção é a tendência de julgar segundo valores internos, desconsiderando fatos concretos e lógicos; Desempenho é o desejo de realizar diversas tarefas ao mesmo tempo, sendo reconhecido por isto; Exibição representa o desejo de ser notado em atividades sociais; Heterossexualidade relaciona-se com o desejo de manter vinculações afetivas ou sexuais com indivíduos do sexo oposto; Afago está relacionado com a necessidade de receber carinho e afeto de pessoas próximas, íntimas; Mudança representa o gosto pelo novo, pelo diferente; Persistência indica o desejo de terminar tudo o que começa, mesmo que

exija muito esforço; Agressão é a tendência de desvalorizar ou menosprezar o outro, seja por críticas ou calúnias; Deferência representa o desejo de obedecer alguém, seguir sua liderança e apoiá-lo; Autonomia representa o desejo de fazer as coisas de seu próprio jeito, sem tutela de outros; e Afiliação é a necessidade de sentir-se parte de um grupo, sendo reconhecido e apoiado por este (Hall, Lindzey & Campbell, 2000; Pasquali, Mazzarello & Ghesti, 1997).

Esta maneira de entender a personalidade humana (como resultado de componentes biológicos, ambientais e motivacionais) é bastante atual. E a interação entre os diferentes componentes, conforme preconizado por Murray, adequa-se a uma interpretação fatorial. De fato, a teoria proposta por Murray pode ser entendida como fatorial ou psicodinâmica sem que haja contradição nestes termos.

Entre os inventários validados para o Brasil, destacamos o Inventário Fatorial de Personalidade (IFP), que é baseado no *Edwards Personal Preference Schedule* (EPPS), desenvolvido por Allen Edwards em 1953 e revisto em 1959 (Pasquali, Mazzarello & Ghesti, 1997). É um inventário de personalidade objetivo, de natureza verbal, baseado na teoria das necessidades básicas formulada por Murray. O inventário visa avaliar o indivíduo normal em 15 necessidades ou motivos psicológicos, conforme a proposição teórica de Murray (Pasquali, Mazzarello & Ghesti, 1997).

Para compreendermos como as pressões ambientais e as necessidades individuais influenciam os padrões de comportamento dos indivíduos inseridos em ambientes militarizados, optamos pelo uso do IFP, com interesse particular em três escalas: desejabilidade social, afiliação e deferência. Desejabilidade social indica o quanto o sujeito tende a responder de acordo com expectativas sociais. Afiliação indica a necessidade de receber apoio do grupo ou do círculo de colegas. Deferência expressa o desejo de honrar os superiores ou figuras de autoridade, utilizando-se deles como modelos (Pasquali, Mazzarello & Ghesti, 1997). O ambiente militar é marcado pela disciplina e hierarquia, ou seja, a existência de uma cadeia de comando, de respeito à autoridade e de cumprimento de ordens. Tais atributos são diretamente avaliados pela escala de deferência. Já a aderência ao grupo e o desejo de fazer parte de uma equipe são avaliados pela escala de afiliação do

IFP. Esperava-se que nestas escalas os escores dos participantes de ambientes militarizados fossem significativamente mais altos do que nos participantes de ambientes não-militarizados. Thunholm (2001) encontrou diferenças em escalas de desejabilidade social por parte de oficiais suecos, quando estes respondiam a inventários de personalidade, entre eles a Escala de Personalidade de Comrey. Os oficiais suecos tendem a responder de forma mais socialmente aceitável aos questionários do que seus compatriotas civis. A escala de desejabilidade social utilizada no IFP, originalmente utilizada na Escala de Personalidade de Comrey (CPS), permitiu verificar se o mesmo fenômeno era reproduzido no ambiente militar brasileiro.

### **1.7 Objetivos**

1 -Verificar se existe diferença entre as médias de bem estar subjetivo de indivíduos inseridos no ambiente militar e de indivíduos sem contato com esse ambiente

2 -Verificar se existe diferença entre a percepção de estilos parentais de indivíduos inseridos no ambiente militar e de indivíduos sem contato com esse ambiente

3 -Verificar se existe diferença entre características de personalidade de indivíduos inseridos no ambiente militar e de indivíduos sem contato com esse ambiente.



## CAPÍTULO II: MÉTODO

### 2.1 Participantes

Participaram deste estudo 373 cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN e 73 alunos universitários que não prestaram Serviço Militar, não possuem parentes militares nem estudaram em Colégios Militares. Os cadetes foram divididos em quatro grupos, com cerca de 100 participantes em cada grupo, conforme seu ano de ingresso, obtendo assim amostras do 1º ( $n = 98$ ), 2º ( $n = 93$ ), 3º ( $n = 108$ ) e 4º ( $n = 74$ ) anos da AMAN. O mesmo procedimento foi adotado com os estudantes universitários ( $n = 73$ ), dando preferência por alunos do mesmo curso, quando isto era possível. Foram colhidas amostras em dois cursos universitários distintos, engenharia civil e agronomia, de diferentes períodos (semestres) e instituições. Foram excluídos os alunos universitários que tinham parentes próximos que fossem militares e com os quais eles indicassem contato freqüente, os que prestaram serviço militar inicial (serviço militar obrigatório) ou que houvessem estudado em escolas militares. Às estudantes universitárias presentes na aplicação que quiseram participar foi permitido preencher os instrumentos, mas seus dados não foram considerados para as análises deste estudo. Os participantes de ambientes militares estavam inseridos neste ambiente há, pelo menos, seis meses. Configurou-se, assim, um estudo transeccional, onde pudemos comparar diferenças entre os grupos, militar ou não-militar.

Todos os procedimentos éticos relativos à pesquisa com seres humanos, conforme determinado pelo Conselho Nacional de Saúde e Conselho Federal de Psicologia, foram seguidos. O termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo A) foi, especialmente, apresentado aos possíveis participantes, ressaltando sua liberdade para participar ou não da pesquisa, sem qualquer ônus (Anexo B). Aos militares foi dada atenção especial no tocante aos aspectos éticos, visto que o fato de ser militar pode influir na sua opção de participar ou não (Anexo C). Não houve a presença de autoridades militares no momento da aplicação. Como o objetivo do trabalho foi justamente conhecer e descrever características de amostras em ambientes militares, a participação destes seria

indispensável, ou seja, não poderíamos gerar o conhecimento desejado sem a participação direta de militares.

### 2.1.1 Descrição das amostras

A amostra militar, composta por cadetes da AMAN, apresentou idade média de 21 anos ( $dp = 1,7$ , mínimo = 17 (1%) e máximo = 30 anos (0,3%)). Cerca de 98,5% desta amostra tem idade oscilando entre 18 e 24 anos. Da amostra de 373 participantes, 45% ainda não escolheu a arma (especialidade) de formação, 36% escolheu Infantaria, 5,7% Cavalaria, 6,5% Artilharia, 0,5% Comunicações, 3% Intendência, 0,6% Engenharia Militar e 2,4% Material Bélico. Quanto à profissão do pai, 36,1% são militares, enquanto cerca de 12% são profissionais liberais e 10% são funcionários públicos de nível superior. Já as mães são mais freqüentemente profissionais liberais (12,8%), servidoras públicas de nível superior (19,3%) ou possuem outras ocupações, como dona de casa (22,3%). Os estados brasileiros mais representados na amostra militar são Rio de Janeiro (29,2%) e Minas Gerais (13,9%). Entre os militares estudados, 44,5% declaram não terem morado em outro estado além dos seus próprios estados de origem, 25% já morou em outro estado e 27,7% já morou em mais de dois estados diferentes do seu próprio estado de nascimento. Observa-se, ainda, que 39,1% dos militares não possuem qualquer grau de parentesco com outros militares, enquanto 41,3% declaram ter dois ou mais parentes militares. Outro dado é que 47,5% dos participantes militares estudaram em Colégios Militares. A opção pela carreira militar se deu principalmente por vocação (53,9%) e pela estabilidade que o serviço proporciona (14,8%). Considerando a alta freqüência de filhos de militares na amostra, optamos por montar três sub-amostras considerando a existência de parentesco direto ou indireto com militares como um possível fator interveniente.

Quando descrevemos apenas os cadetes filhos de militares ( $N = 133$ ), a idade média é de 20,7 ( $dp = 1,8$ ), e observamos que as suas mães mais freqüentemente possuem ocupações diversas (33%), não possuem qualquer ocupação profissional (25%) ou são servidoras públicas de nível superior (14%). Estes participantes já moraram em 2 ou mais estados (57,7%), e 75% deles estudou em Colégios Militares. Quanto aos estados de origem, 35,6% são do Rio de Janeiro, 15,5% do Rio

Grande do Sul e 8,5% de Pernambuco. É comum entre eles ter outro parente militar além do pai (50%), e apontar a escolha profissional como vocacionada (66,2%).

Cadetes que não são filhos de militares, mas possuem algum parente militar ( $N = 96$ ), têm idade média de 21,1 anos ( $dp = 1,4$ ), e pais que trabalham no serviço público de nível superior (12,5%) ou médio (19,8%), como empregados da iniciativa privada (19,8%), comerciantes (11,5%) ou prestadores de serviços (10,4%). Suas mães são servidoras públicas de nível superior (22,9%) ou médio (14,6%), profissionais liberais (12,5%) ou têm outras ocupações (14,6%). Cerca de 15,6% delas não tem qualquer ocupação. Os estados de origem mais representados nesta amostra são Rio de Janeiro (32,6%), Minas Gerais (13,7%) e Rio Grande do Sul (8,4%). Mais da metade (52,1%) nunca morou em outro estado antes, e cerca de um terço (33%) já residiu em apenas um estado diferente. Cerca de um terço (31,2%) estudou em Colégios Militares antes de ingressar na AMAN.

Os cadetes que não têm qualquer parente militar ( $N = 138$ ) apresentam idade média de 21,1 anos ( $dp = 1,7$ ) e pais atuando principalmente como profissionais liberais (23,1%), servidor público de nível superior (14,5%), servidor público de nível médio, prestador de serviços ou empregado da iniciativa privada (cerca de 10% em cada profissão). As mães destes cadetes são, geralmente, servidoras públicas de nível superior (21,7%), profissionais liberais (18,1%) ou possuem outras ocupações (17,4%). As parcelas mais representativas deste grupo são oriundas de Minas Gerais (23,9%) e Rio de Janeiro (21,7%). A maioria destes cadetes não morou em outros estados além do seu estado de nascimento (66,7%), enquanto 22,4% morou em um estado diferente e cerca de 10,9% morou em dois ou mais estados diferentes. A maioria deles também não estudou em Colégios Militares (59,4%), embora cerca de 38% deles tenha estudo em Colégio Militar ou prestado serviço militar.

A amostra universitária teve média de idade de 20,2 anos ( $dp = 3,4$ , mínimo = 17 (6%) e máximo = 36 anos (1,4%)). Cerca de 81% da amostra universitária tinha idade oscilando entre 18 e 24 anos. Dos 73 casos avaliados, verificou-se que 90% nasceu no próprio estado e não possuem nenhum parente militar. Os participantes foram encontrados em uma universidade pública (com unidades nos municípios de Cascavel e Toledo) e uma faculdade privada (município de Cascavel)

do oeste paranaense. Os cursos escolhidos pelos participantes universitários eram engenharia civil ou agronomia. A escolha destes cursos se deu em função de serem cursos tipicamente freqüentados por pessoas do sexo masculino. Cerca de 70% nunca morou em outro estado, enquanto 21,7% já morou em um único estado diferente. Os pais são, em geral, produtores rurais (50%) ou profissionais liberais (11%). As mães são produtoras rurais (30%), profissionais liberais (21%) ou possuem outras ocupações, como dona de casa (21,4%).

Deve-se levar em conta, para avaliação do número de participantes nesta amostra (73), que diversos casos foram excluídos da análise por declararem ter parentes próximos e com os quais mantêm contato freqüente que são militares, por terem prestado serviço militar inicial ou terem estudado anteriormente em Colégios Militares. Participantes do sexo feminino também foram excluídos. Para se ter uma idéia do impacto destes critérios no resultado final, cerca de 300 universitários responderam corretamente aos instrumentos, dos quais aproximadamente 240 foram eliminados das análises deste estudo. Estes dados formarão um banco de dados para estudos posteriores. Atribui-se esta inesperada proximidade com militares e ambiente militar ao fato de Cascavel sediar um Comando de Brigada do Exército Brasileiro e um Comando Regional de Polícia Militar. Ao todo, constatou-se a existência de cinco unidades militares apenas no município de Cascavel.

## **2.2 Instrumentos**

Visando mensurar as variáveis estudadas, foram utilizados os seguintes instrumentos:

### **2.2.1 Questionário de Dados Demográficos.**

Com a finalidade de identificar dados demográficos e evitar que sujeitos que tiveram qualquer contato com o ambiente militar em seu desenvolvimento continuado participassem da amostra como se não tivessem contato com este ambiente, foram criados questionários de dados demográficos para as diferentes amostras. Estes questionários encontram-se reproduzidos nos Anexos D e E.

### **2.2.2 Escala de Responsividade e Exigência Parental.**

A Escala de Responsividade e Exigência Parental (Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004) foi adotada para este estudo por ser a melhor expressão disponível em língua portuguesa para a avaliação de Estilos Parentais. Considerando estudos anteriores, os autores refinaram os instrumentos disponíveis nesta nova Escala, eliminando itens e aumentando a abrangência e precisão. Esta Escala está apresentada no Anexo F. Mesmo sendo um instrumento desenvolvido mais apropriadamente para adolescentes do que para adultos jovens, optou-se pela sua utilização na forma original com cuidados especiais na aplicação, conforme descrito nos procedimentos (item 2.3). A medida da responsividade e exigência parental já foi realizada em outros estudos nacionais com adultos jovens (Tatsch, Teixeira & Gomes, 2003), e a literatura refere sua estabilidade ao longo do tempo, mesmo depois da idade adulta (Chambers, Power & Durham, 2004).

### **2.2.3 Escala de Satisfação de Vida de Diener**

Originalmente criada por Diener, Emmons, Larsen & Griffin (1985), encontra-se adaptada por Hutz & Giacomoni (1998) para a população brasileira. A Escala de Satisfação de Vida está apresentada no Anexo G. Trata-se de uma escala com afirmações em ordem direta sobre sentimentos em relação à satisfação de vida do indivíduo, com respostas ancoradas em uma escala tipo *likert* de sete pontos. A escala utilizada neste trabalho tem sido utilizada em estudos brasileiros, como Antoniazzi (2000).

### **2.2.4 Inventário Fatorial de Personalidade**

Conforme o Anexo H, reproduzimos o IFP (Pasquali, Mazzarello & Ghesti, 1997) no conjunto total de suas escalas (Assistência, Dominância, Ordem, Denegação, Intração, Desempenho, Exibição, Heterossexualidade, Afago, Mudança, Persistência, Agressão, Deferência, Autonomia e Afiliação, mais a Escala de Desejabilidade Social), num total de 155 itens. Com a finalidade de facilitar o manuseio, aplicação e levantamento dos dados, a numeração dos itens foi

ajustada para possibilitar a transcrição em folha de leitura ótica. Conforme descrito na revisão de literatura, este instrumento avalia 15 necessidades humanas, com base na Teoria de Murray.

### **2.3 Procedimentos**

Os participantes foram convidados a tomar parte da pesquisa em seus respectivos locais de estudo, em diferentes localidades do país. O critério de escolha das localidades foi a conveniência de acesso para a aplicação, exceto no caso da AMAN, cuja localização é no município de Resende (RJ).

Foram executados todos os procedimentos anteriores à aplicação dos testes e inventários, no que diz respeito ao consentimento livre e esclarecido, autorização de pais (no caso de participantes menores de idade; foram autorizados a preencher os formulários na sessão conjunta, desde que trouxessem a autorização assinada pelos pais no dia seguinte, condição sem a qual não incluiríamos os dados na pesquisa e que foi atendida por oito participantes) e procedimentos éticos. Nestes aspectos, foram seguidas as orientações do Conselho Nacional de Saúde (CNS) presentes na Resolução CNS 196/96 (Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos) e do Conselho Federal de Psicologia (CFP) presentes na Resolução CFP 016/2000 (Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos).

O procedimento de aplicação com os participantes que estavam inseridos em ambientes militares foi diferenciado, visando cumprir as instruções do CNS. Assim, o aplicador ficou a sós com os participantes, sem a presença de figuras de autoridade na sala de aplicação, e ressaltou o direito de não participar do processo. Aos que desejaram não participar, foi orientado que permanecessem sentados e aguardassem a conclusão do processo pelos presentes, evitando assim qualquer tipo de identificação ou possibilidade de coação para a participação na pesquisa. Os militares menores de idade solicitaram a autorização, conforme descrito anteriormente, ao seu responsável (todo cadete menor de idade tem um militar responsável por ele, na própria AMAN, na ausência dos pais).

Os instrumentos foram aplicados em uma bateria única, coletivamente, pelo próprio autor e/ou por aplicadores previamente treinados, nos ambientes originais de cada amostra, após *rapport* (Anexo C) adequado sobre a pesquisa e suas aplicações práticas. As respostas foram marcadas diretamente no formulário de leitura ótica, eliminando a possibilidade de erros de digitação e restringindo a ação do autor à correção de respostas duplicadas. Nestes casos, foi orientado aos participantes que marcassem a resposta errada, permitindo a correção do dado inconsistente.

A Escala de Responsividade e Exigência Parental (Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004) é um instrumento desenvolvido mais apropriadamente para adolescentes do que para adultos jovens, população alvo deste estudo. Portanto, no momento da aplicação foi solicitado aos participantes de responderem de acordo com o que entendiam que melhor expressava o comportamento dos seus pais quando ele ainda morava com eles. Este procedimento foi especialmente útil entre a amostra militar, mas também se mostrou útil na amostra universitária, considerando-se que vários estudantes já não moram mais com os pais. Não foram encontradas dificuldades inesperadas neste processo, já que a ausência de convivência com um dos pais (ou mesmo ambos) é esperada em alguns casos, tendo sido orientado ao participante que simplesmente deixasse as questões relativas a este parente ausente em branco.

Na aplicação em ambientes universitários, quando foi o caso de encontrarmos presenças femininas nas salas de aula, não foi feita recomendação especial para que as participantes mulheres não respondessem aos questionários. Contudo, seus dados foram descartados das análises. Os dados obtidos foram mantidos em um banco de dados separado, para que as devoluções pertinentes pudessem ser feitas quando requisitadas.

## CAPÍTULO III: RESULTADOS

### 3.1 Descrição dos resultados

A fim de responder aos questionamentos feitos na seção de Objetivos, foram conduzidas diversas análises. Assim, apresentamos a seguir as análises feitas para verificar relações quanto a bem-estar subjetivo, estilos parentais e características de personalidade de indivíduos inseridos em contexto militar ou universitário. Outras análises, procedidas exploratoriamente, são também apresentadas.

Os casos em que os participantes, militares ou universitários, obtiveram escores maiores do que 30 na escala de Validade do IFP foram completamente excluídos das análises estatísticas, inclusive dos outros instrumentos. Uma vez que a escala de Validade indica a possibilidade de fraude ou incompreensão das questões, considerou-se mais adequado excluir estes casos das análises posteriores. A falha no preenchimento de um item do questionário de dados demográficos, escala do IFP ou de outro instrumento excluiu a análise apenas daquela característica, escala ou instrumento. Por isto podemos observar, quando é o caso, a flutuação no número de casos ou nos graus de liberdade apresentados em algumas tabelas.

#### 3.1.1 Satisfação de Vida

A escala de satisfação de vida (Hutz & Giacconi, 1998), utilizada como indicador de bem-estar subjetivo, não apontou diferença entre os militares e os universitários avaliados. O *Teste t* comparando as médias dos dois grupos (respectivamente, 24,1 e 25,0) não apontou diferença significativa entre as médias ( $t = 1,04$ ,  $gl = 443$ ,  $p < 0,29$ ). Contudo, na amostra militar foi possível perceber diferenças entre os subgrupos, sendo que os filhos de militares obtiveram média ( $m = 25,1$ ) significativamente mais alta que cadetes com parentes militares ( $m = 23,3$ ,  $t = 2,08$ ,  $gl = 208$ ,  $p < 0,04$ ) e sem parentes militares ( $m = 23,5$ ,  $t = 1,98$ ,  $gl = 239$ ,  $p < 0,05$ ).



### 3.1.2 Estilos Parentais

Na Tabela 2 podemos observar os escores médios e desvios padrões obtidos pelas duas amostras na escala de responsividade e exigência parental (Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004).

Tabela 2. Médias e Desvios Padrões nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental nas Amostras de Militares e Universitários.

Amostra	Média Resp.		dp Resp.		Média Exigência		dp Exigência	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Militares (N=373)	52,2	48,6	7,8	11,6	34,4	33,0	8,3	9,6
Universitários (N=73)	48,4	46,0	9,0	11,0	39,7	40,0	8,2	8,7

Realizou-se um *Teste t*, para amostras independentes, separadas por grupos (militares e universitários) para verificar se as diferenças nas médias eram significativas, encontrando resultados significativos para responsividade materna ( $t = 3,67$ ,  $gl = 441$ ,  $p < 0,01$ ) e exigência materna ( $t = -4,96$ ,  $gl = 441$ ,  $p < 0,01$ ) e paterna ( $t = -5,62$ ,  $gl = 431$ ,  $p < 0,01$ ). A média de responsividade paterna não apresentou diferença significativa ( $t = 1,73$ ,  $gl = 431$ ,  $p < 0,08$ ), embora possa ser olhada com interesse. De maneira geral, podemos afirmar que os cadetes percebem seus pais como mais responsivos e menos exigentes que os universitários.

Na Tabela 3 temos os escores médios e desvios padrões obtidos pelas sub-amostras militares de cadetes filhos de militares, cadetes com parentes militares e cadetes sem parentes militares nas escalas de responsividade e exigência parental (Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004).

Tabela 3. Médias e Desvios Padrões nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental nas Sub-amostras Militares.

Amostra	Média Resp.		dp Resp.		Média Exigência		dp Exigência	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Cadetes filhos de militares (N = 114)	53,9	51,7	5,5	8,9	35,4	36,8	7,4	8,3
Cadetes com parentes militares (N = 96)	52,1	47,9	8,8	9,4	33,5	31,3	8,5	11,6
Cadetes sem parentes militares (N = 127)	50,7	46,2	8,6	12,7	33,4	30,2	8,2	9,1

Foram realizados Testes *t* para verificar se as diferenças entre as médias das sub-amostras eram diferentes entre si e se eram diferentes da amostra universitária. Encontraram-se os resultados destas análises nas Tabela 4 a 8.

Tabela 4. Resultados do Teste *t* de Diferença de Médias Entre Cadetes Filhos de Militares e Cadetes Sem Parentes Militares nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental.

	Média Filhos de militares	Média Sem parentes militares	t	gl	<i>p</i> <
Exigência mãe	35,4	33,5	1,89	239	0,06
Exigência pai	36,8	30,2	5,84	235	0,01
Responsividade Mãe	53,9	50,7	3,33	239	0,01
Responsividade pai	51,7	46,2	3,79	234	0,01

Como podemos observar, os resultados da Tabela 4 indicam diferenças significativas em todas as médias. Podemos considerar a diferença significativa mesmo para a sub-escala de exigência materna ( $p < 0,06$ ), considerando-se a proximidade com o nível de significância estatística desejado. Cadetes filhos de pais militares percebem seu pai e sua mãe como mais exigentes e responsivos que cadetes sem parentes militares.

Tabela 5. Resultados do Teste *t* de Diferença de Médias Entre Cadetes Filhos de Militares e Cadetes Com Parentes Militares nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental

	Média Filhos de militares	Média Com parentes militares	t	gl	<i>p</i> <
Exigência mãe	35,4	33,5	1,65	207	0,10
Exigência pai	36,8	31,3	4,48	205	0,01
Responsividade Mãe	53,9	52,1	1,78	208	0,08
Responsividade pai	51,7	47,9	2,63	206	0,01

Podemos notar na Tabela 5 a indicação de diferença significativa nos níveis de exigência e responsividade parental, com cadetes filhos de militares reconhecendo seus pais como mais exigentes e mais responsivos que os cadetes que só possuem parentes militares reconhecem. Não há diferenças na percepção de responsividade e exigência das mães, embora possamos considerar a diferença na escala de responsividade materna como marginalmente significativa.

A Tabela 6 apresenta o resultado do *Teste t* entre os grupos de cadetes filhos de militares e Universitários.

Tabela 6. Resultados do Teste *t* de Diferença de Médias Entre Cadetes Filhos de Militares e Universitários nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental.

	Média Filhos de militares	Média Universitários	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> <
Exigência mãe	35,39	39,7	-3,72	184	0,01
Exigência pai	36,8	40,0	-2,42	181	0,02
Responsividade Mãe	53,9	48,4	5,12	184	0,01
Responsividade pai	51,7	46,0	3,85	181	0,02

Como podemos verificar na Tabela 6, os resultados indicam diferenças significativas entre as amostras quanto aos estilos parentais. Os cadetes filhos de militares percebem seus pais e mães como menos exigentes e mais responsivos que os universitários.

A Tabela 7 apresenta o resultado do Teste *t* entre os grupos de Cadetes sem parentes militares e Universitários.

Tabela 7. Resultados do Teste *t* de Diferença de Médias Entre Cadetes Sem Parentes Militares e Cadetes Com Parentes Militares nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental.

	Média Sem parentes militares	Média Com parentes militares	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
Exigência mãe	33,4	33,5	-0,06	220	0,94
Exigência pai	30,2	32,3	-0,87	214	0,38
Responsividade Mãe	50,7	52,1	-1,22	221	0,22
Responsividade pai	46,2	47,95	-1,01	214	0,30

Os resultados apresentados na Tabela 7 indicam não haver diferença significativa entre as amostras avaliadas nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental.

A Tabela 8 apresenta o resultado do Teste *t* entre os grupos de cadetes sem parentes militares e universitários.

Tabela 8. Resultados do Teste *t* de Diferença de Médias Entre Cadetes Sem Parentes Militares e Universitários nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental.

	Média Sem parentes militares	Média Universitários	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
Exigência mãe	33,4	39,7	-5,15	197	0,01
Exigência pai	30,2	40,0	-7,23	190	0,01
Responsividade Mãe	50,7	48,4	1,78	197	0,08
Responsividade pai	46,2	46,0	0,14	189	0,89

Os resultados apresentados na Tabela 8 indicam haver diferença significativa entre as amostras na escala de exigência parental, e diferença marginalmente significativa na sub-escala de responsividade materna ( $p < 0,08$ ). Cadetes sem parentes militares consideram seus pais e mães menos exigentes e suas mães mais responsivas que universitários.

A Tabela 9 apresenta o resultado do Teste *t* entre os grupos de cadetes com parentes militares e universitários.

Tabela 9. Resultados do Teste *t* de Diferença de Médias Entre Cadetes Com Parentes Militares e Universitários nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental.

	Média Com parentes militares	Média Universitários	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
Exigência mãe	33,5	39,7	4,64	165	0,01
Exigência pai	31,3	40,0	5,96	160	0,01
Responsividade mãe	52,1	48,4	-2,74	166	0,01
Responsividade pai	47,9	46,0	-1,09	161	0,27

Podemos observar, na Tabela 9, que unicamente a escala de Responsividade paterna não apresentou resultado de diferença significativa entre os grupos. Nos demais, os cadetes com parentes militares perceberam seus pais e mães como menos exigentes e suas mães como mais responsivas que os universitários.

Quando combinamos as escalas de exigência e responsividade, determinamos o estilo parental de pai e mãe. Assim, conforme o modelo teórico, alta responsividade e alta exigência correspondem ao estilo autoritativo; alta responsividade e baixa exigência correspondem ao estilo indulgente; baixa responsividade e alta exigência correspondem ao estilo autoritário; baixa responsividade e baixa exigência correspondem ao estilo negligente. Nas Tabelas 10, 11 e 12

apresentamos as configurações de estilos parentais observadas em cadetes filhos de militares, cadetes que não são filhos de militares e universitários. Os valores descritos como *missing* (perdidos) indicam a proporção de casos de participantes que não conviveram com seus respectivos pais e/ou mães.

Tabela 10. Estilo Parental Paterno Indicado por Cadetes Com e Sem Pais Militares e por Universitários (em Porcentagem).

Estilo Parental Paterno	Cadetes		Universitários
	Filhos de Militar	Não-Filho de Militar	
Autoritativo	43,6	19,1	28,8
Indulgente	25,2	22,1	4,1
Autoritário	18,0	11,9	42,5
Negligente	12,8	37,4	16,4
Missing	3,0	9,4	8,2

Os resultados apresentados na Tabela 10 mostram configurações diferentes quanto ao estilo parental atribuído aos pais. O estilo parental autoritativo é predominante entre os filhos de militares, enquanto o negligente predomina entre os cadetes não-filhos de militares e o autoritário é o mais citado entre os universitários.

Tabela 11. Estilo Parental Materno Indicado por Cadetes Com e Sem Pais Militares e por Universitários (em Porcentagem).

Estilo Parental Materno	Cadetes		Universitários
	Filhos de Militar	Não-Filho de Militar	
Autoritativo	28,3	23,0	27,4
Indulgente	22,6	23,4	5,5
Autoritário	16,5	17,9	45,2
Negligente	21,8	34,0	20,5
Missing	0,8	1,7	1,4

Os resultados apresentados na Tabela 11 mostram configurações diferentes quanto ao estilo parental atribuído às mães. Observamos uma frequência ligeiramente mais alta do estilo parental autoritativo entre os cadetes filhos militares, a predominância do estilo parental negligente entre os cadetes não-filhos de militares e do autoritário entre os universitários.

Na Tabela 12 apresentamos as frequências de estilos parentais do casal de pais dos participantes. Neste caso, consideramos que um casal tipicamente apresenta um estilo parental quando os dois pais (pai e mãe) apresentam o mesmo estilo parental.

Tabela 12. Estilo Parental do Casal de Pais Indicado por Cadetes Com e Sem Pais Militares e por Universitários (em porcentagem).

Estilo Parental Casal de pais	Cadetes		Universitários
	Filhos de Militar	Cadetes Não-Filho de Militar	
Autoritativo	40,4	22,7	18,9
Indulgente	31,3	24,1	4,7
Autoritário	18,0	14,2	44,3
Negligente	13,8	39,0	11,3

As proporções apresentadas na Tabela 12 indicam uma predominância de casais com estilo parental autoritativo entre os cadetes filhos de pai militar, do estilo negligente entre cadetes não-filhos de pai militar e do estilo autoritário entre os universitários.

Os estilos parentais são associados, na literatura, com melhor adaptabilidade do sujeito e com satisfação de vida. Verificamos as relações entre estilos parentais e satisfação de vida na amostra total através de *Testes t*, comparando as médias de satisfação de vida dos grupos com o casal de pais autoritativos ( $m = 26,8$ ,  $d.p. = 4,7$ ), indulgentes ( $m = 25,4$ ,  $d.p. = 6,0$ ), negligentes ( $m = 21,4$ ,  $d.p. = 7,1$ ) e autoritários ( $m = 22,9$ ,  $d.p. = 5,9$ ). Esta análise foi feita sem distinção de meio militar e universitário. Filhos de pais autoritativos apresentam médias de escores na Escala de Satisfação de Vida maiores que filhos de pais negligentes ( $t = 6,12$ ,  $gl = 177$ ,  $p < 0,01$ ) e autoritários ( $t = 4,61$ ,  $gl = 158$ ,  $p < 0,01$ ). Filhos de pais indulgentes apresentam maior satisfação de vida que filhos de pais negligentes ( $t = 3,63$ ,  $gl = 142$ ,  $p < 0,01$ ) e autoritários ( $t = 2,36$ ,  $gl = 123$ ,  $p < 0,02$ ). Não há diferença significativa entre filhos de pais autoritativos e indulgentes ( $t = 1,64$ ,  $gl = 161$ ,  $p < 0,11$ ).

### 3.1.3 Personalidade

A amostra militar obteve, no IFP, resultados semelhantes à norma brasileira (Pasquali, Mazzarello & Ghesti, 1997) para a maioria dos fatores. Médias e posições percentílicas são basicamente as mesmas, exceto nos fatores apresentados na Tabela 13. Consideramos, para efeito

ilustrativo, apenas as distribuições que apresentaram 35% ou mais da amostra concentradas a partir do percentil 75 da norma brasileira. No IFP, o escore igual ou acima do percentil 75 é considerado como sendo alto e importante para o indivíduo. As escalas que não são apresentadas aqui foram mantidas nas análises posteriores.

Tabela 13. Fatores de Personalidade Destacados na Amostra Militar (N=337)

Fator	Média	<i>dp</i>	% classificada a partir do percentil 75 da norma brasileira*
Desejabilidade Social	53,1	6,9	47,8
Intracepção	46,8	7,7	37,1
Afiliação	51,5	6,8	53,5
Dominância	42,0	7,8	63,2
Desempenho	52,5	6,7	52,5
Exibição	39,4	8,0	38,9
Heterossexualidade	51,1	6,6	44,3

\* Conforme Pasquali, Mazzarello e Ghesti (1997).

As Tabelas 14, 15 e 16 apresentam os mesmos dados apresentados na Tabela 13, só que agora relativos às frações da amostra militar, ou seja, de cadetes filhos de pais militares e cadetes com e sem qualquer parente militar.

Tabela 14. Fatores de Personalidade Destacados na Amostra de Cadetes Filhos de Pais Militares (N=114)

Fator	Média	<i>dp</i>	% classificada a partir do percentil 75 da norma brasileira
Desejabilidade Social	53,7	6,2	51,8
Assistência	47,5	7,2	35,1
Intracepção	47,2	8,1	42,1
Afiliação	52,4	7,1	61,5
Dominância	42,1	8,2	63,2
Desempenho	52,0	6,7	55,3
Exibição	38,9	8,6	38,6
Heterossexualidade	51,0	6,7	43,0

Tabela 15. Fatores de Personalidade Destacados na Amostra de Cadetes Com Parentes Militares (N=91)

Fator	Média	<i>dp</i>	% classificada a partir do percentil 75 da norma brasileira
Desejabilidade Social	53,2	7,2	50,6
Intracepção	47,3	7,4	35,1

Afiliação	52,0	6,5	57,1
Dominância	42,2	7,4	55,0
Denegação	37,6	6,5	41,8
Desempenho	51,4	6,2	46,2
Exibição	40,6	8,5	42,9
Agressão	35,6	9,1	36,3
Persistência	45,1	8,4	39,6
Heterossexualidade	52,0	6,5	48,4

Tabela 16. Fatores de Personalidade Destacados na Amostra de Cadetes Sem Parentes Militares (N=127)

Fator	Média	<i>dp</i>	% classificada a partir do percentil 75 da norma brasileira
Desejabilidade Social	52,2	7,2	41,0
Afiliação	50,3	6,6	44,1
Dominância	41,7	7,7	63,0
Desempenho	51,2	7,2	56,0
Exibição	38,8	7,3	35,5
Heterossexualidade	50,4	6,6	43,3

A amostra universitária também obteve, no IFP, resultados semelhantes à norma brasileira (Pasquali, Mazzarello & Ghesti, 1997) para a maioria dos fatores. Médias e posições percentílicas são basicamente as mesmas, exceto nos fatores apresentados na Tabela 17. Consideramos aqui os mesmos critérios adotados anteriormente. Lembramos que as escalas que não são apresentadas aqui foram mantidas nas análises posteriores e esta Tabela apenas ilustra a distribuição da amostra pesquisada.

Tabela 17. Fatores de Personalidade Destacados na Amostra Universitária (N=53)

Fator	Média	<i>dp</i>	% classificada a partir do percentil 75 da norma brasileira
Afiliação	49,5	8,8	49,1
Dominância	39,1	7,5	41,5
Denegação	38,0	8,0	37,8
Desempenho	50,5	7,9	45,3
Exibição	39,8	9,7	45,3
Agressão	37,6	9,3	43,4
Ordem	47,5	7,9	37,8
Autonomia	45,3	7,1	41,5

Os resultados encontrados nas escalas (fatores) do IFP foram testados através de uma Análise de Variância (ANOVA One-Way). A primeira análise comparou a amostra militar e a



amostra universitária. Nesta análise, encontramos diferenças significativas nas escalas assistência ( $F_{1,388} = 4,16; p < 0,05$ ), Intracepção ( $F_{1,388} = 8,09; p < 0,01$ ), Dominância ( $F_{1,388} = 6,25; p < 0,02$ ), Agressão ( $F_{1,388} = 7,36; p < 0,01$ ) e Heterossexualidade ( $F_{1,388} = 11,9; p < 0,01$ ). Foram encontrados, ainda, resultados marginalmente significativos nos fatores Afiliação ( $F_{1,388} = 3,45, p < 0,07$ ), Ordem ( $F_{1,388} = 3,65, p < 0,06$ ) e Desejabilidade Social ( $F_{1,388} = 3,00, p < 0,09$ ). Excetuando-se as escalas de Agressão e Ordem, em todas as listadas acima, os militares apresentaram médias superiores aos universitários.

Em uma análise subsequente, a amostra militar foi fracionada nos três grupos (cadetes filhos de militares, com parentes militares e sem parentes militares) e, juntamente com a amostra universitária, e seus resultados comparados através de ANOVA (One-way). Nesta análise, encontramos diferenças nas escalas de Intracepção ( $F_{3,381} = 3,40, p < 0,02$ ), Afiliação ( $F_{3,381} = 3,12, p < 0,03$ ), Denegação ( $F_{3,381} = 2,77, p < 0,05$ ), Agressão ( $F_{3,381} = 3,74, p < 0,02$ ), Ordem ( $F_{3,381} = 2,99, p < 0,04$ ) e Heterossexualidade ( $F_{3,381} = 4,94, p < 0,01$ ). Para verificarmos fontes específicas de variância, adotamos o teste de seguimento (*post hoc*) de Scheffé. Foram identificadas diferenças significativas nas escalas de Heterossexualidade (cadetes filhos de militares,  $m = 51,0$ , e universitários,  $m = 47,6, p < 0,03$ , e cadetes com parentes militares,  $m = 52,0$ , e universitários,  $m = 47,6, p < 0,01$ ), Agressão (cadetes sem parentes militares,  $m = 33,4$ , e universitários,  $m = 35,6, p < 0,04$ ) e Intracepção (cadetes filhos de militares,  $m = 47,3$ , e cadetes com parentes militares,  $m = 47,3$ , contra universitários,  $m = 43,4$ , ambas com  $p < 0,05$ ).

### 3.1.4 Verificação das características psicométricas dos instrumentos

Foram realizadas análises de consistência interna em todos os instrumentos utilizados para a coleta de dados. A Escala de Satisfação de Vida apresentou um *Alfa de Cronbach* de 0,85 ( $N = 446, m = 24,3, d.p. = 6,2$ ). Estudos de validação (Giacomoni, 2002) da Escala de Satisfação de Vida apresentam Alpha semelhante para a escala de sete itens (0,83). A Escala de Estilos Parentais apresentou *Alfas* entre 0,80 e 0,94 em suas escalas de exigência e responsividade materna e paterna (respectivamente, exigência materna e paterna,  $m = 35,6, d.p. = 8,5, m = 34,1, d.p. = 9,8$ , responsividade materna e paterna,  $m = 51,5, d.p. = 8,3, m = 48,2, d.p. = 11,5$ ). Os estudos de

validação de Teixeira, Bardagi e Gomes (2005) indicam *Alfas* entre 0,78 e 0,92, portanto, semelhantes aos encontrados nas amostras estudadas. As médias do estudo de validação também são menores (exigência materna e paterna,  $m = 30,0$  e  $m = 28,5$ , com *d.p.* de 7,75 e 8,97; responsividade materna e paterna,  $m = 35,0$  e  $m = 39,0$ , *d.p.* de 8,26 e 9,73, respectivamente). Contudo, a tendência observada nos estudos de validação manteve-se, ou seja, mães são observadas como mais exigentes e mais responsivas. Por outro lado, a percepção de que os cadetes perceberiam seus pais como menos exigentes que os universitários por estarem morando fora do convívio familiar fica desacreditada, já que as médias apresentadas por eles combinam com a normatização ou são até mais altas. Neste caso, é possível que fatores culturais locais estão sendo expressos nos resultados.

No IFP, os valores de Alfa acompanharam os constantes no manual do teste (Pasquali, Mazzarello & Ghesti, 1997). As maiores diferenças ficaram por conta as escalas de mudança (0,79 no manual e 0,70 na amostra estudada) e agressão (0,66 no manual e 0,72 na amostra estudada). As outras escalas apresentaram oscilação de mais ou menos 0,05 sobre os valores do manual.

Baumrind (1997) afirma existir relação entre o estilo parental autoritativo e o bem-estar subjetivo. Assim, escores mais altos nas escalas de exigência e responsividade parentais deveriam estar acompanhados de escores mais altos na escala de Satisfação de Vida. De fato, existe correlação significativa ( $p < 0,01$ ) entre a escala de Satisfação de Vida e as escalas de exigência materna (0,18) e paterna (0,22) e responsividade materna (0,31) e paterna (0,26), na amostra estudada. Estes resultados são indicativos de que existe validade convergente entre este estudo e o trabalho de Baumrind (1997). Deve-se levar em consideração que o bem-estar subjetivo é uma variável multiplamente influenciada, e mesmo correlações menores que 0,25 devem ser consideradas importantes. Além disto, conforme apresentado no item 3.1.2, os estilos parentais autoritativo e indulgente mostraram-se, estatisticamente, superiores aos estilos autoritário e negligente quanto à satisfação de vida.

### 3.1.5 Análises exploratórias

Investigando outras fontes de diferença entre os grupos, pudemos observar através de uma ANOVA (*One-Way*), que havia diferença entre os grupos militar e universitário no item 2 da Escala de Satisfação de Vida ( $F_{1,443} = 8,24, p < 0,01$ ) e decidimos aprofundar esta observação. Constatamos através de um teste de seguimento de *Scheffé* que a fonte da diferença eram as médias dos cadetes que não tinham parentes militares ( $m = 4,22, p < 0,02$ ) e dos cadetes que tinham apenas parentes militares ( $m = 4,20, p < 0,03$ ) contrapostas a média dos universitários ( $m = 4,96$ ). O item 2 afirma “minhas condições de vida são excelentes (a minha vida está próxima daquilo que eu gostaria que ela fosse)”.

Outras análises foram realizadas, utilizando como variável interveniente o fato de ter estudado ou não em Colégio Militar. O *Teste t* mostrou diferenças entre os cadetes que freqüentaram e os que não freqüentaram Colégios Militares, conforme é apresentado na Tabela 18.

Tabela 18. Resultados do *Teste t* de Diferença de Médias Entre Cadetes Que Estudaram e Não Estudaram em Colégios Militares nas Escalas de Responsividade e Exigência Parental.

	Média Cadetes com CM	Média Cadetes sem CM	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> <
Exigência mãe	35,1	34,0	-1,28	347	0,20
Exigência pai	34,7	31,5	-3,16	341	0,01
Responsividade Mãe	53,5	51,0	-3,12	348	0,01
Responsividade pai	50,5	46,8	-3,03	341	0,01

A análise da Tabela 18 mostra que, excetuando-se a escala de exigência materna, os cadetes que estudaram em Colégio Militar percebem seus pais como mais exigentes e mais responsivos do que os pais dos cadetes que não estudaram em Colégio Militar. Contudo, não foi encontrada diferença na escala de Satisfação de Vida ( $m = 24,6$  e  $23,6$ , respectivamente,  $t = 1,47, p < 0,15$ ).

Ter estudado em Colégio Militar também influenciou na escolha da profissão. Uma análise de correspondência mostrou relação ( $\chi^2 = 21,7, gl = 9, p < 0,01$ ) entre ter estudado ou não em Colégio Militar e ter escolhido a profissão militar por vocação (65% contra 44%, respectivamente) ou pela estabilidade (19,1% contra 10,7%, respectivamente).

Outra análise de correspondência indicou que ser filho de militar indica que sua escolha mais freqüentemente é vocacionada do que naqueles cadetes que não possuem algum parente militar ( $\chi^2 = 30,9$ ,  $gl = 9$ ,  $p < 0,01$ ). Não há diferença significativa entre os cadetes filhos de militares e os cadetes com parentes militares ( $\chi^2 = 13,7$ ,  $gl = 9$ ,  $p < 0,14$ ).

Nos fatores de personalidade avaliados, quando comparados os cadetes que estudaram em Colégios Militares, os cadetes que não estudaram em Colégios Militares e os universitários, através de uma ANOVA (*One-Way*), percebeu-se que, além das escalas que já apresentavam diferença entre o grupo militar e o grupo universitário, a escala mudança ( $F_{2,367} = 3,24$ ,  $p < 0,05$ ) apresentava diferença significativa, com ex-alunos de Colégios Militares com médias maiores que os outros cadetes e universitários. Um teste de seguimento (*post hoc Scheffé*) indicou diferenças entre as médias dos cadetes que estudaram em Colégios Militares e os universitários nas escalas de agressão e dominância (respectivamente,  $m = 34,2$  e  $m = 37,6$ ,  $p < 0,05$ , e  $m = 42,2$  e  $m = 39,1$ ,  $p < 0,05$ ). Portanto, foi realizada outra ANOVA (*One-Way*) excluindo o grupo de universitários. Assim, identificamos que cadetes que estudaram em Colégios Militares têm escores significativamente mais altos em mudança ( $F_{1,345} = 6,46$ ,  $p < 0,02$ ) e autonomia ( $F_{1,344} = 3,87$ ,  $p < 0,05$ ). As médias na escala mudança são, respectivamente, 45,2 e 43,2. As médias na escala autonomia são, respectivamente, 45,6 e 44,3.

## CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visou identificar relações de influência entre a convivência em ambientes militarizados e o desenvolvimento psicológico humano. Neste sentido, torna-se importante salientar algumas diferenças na composição das amostras estudadas. Primeiramente, uma característica da profissão militar é a possibilidade de transferência de local de trabalho (e conseqüente mudança de domicílio). Assim, é comum que os militares residam em diferentes estados do país, levando junto suas famílias, refazendo um conjunto de vínculos a cada mudança. As famílias dos militares já residentes numa determinada área costumam adotar as famílias de militares recém-chegadas. Por isso é comum se falar, no Exército como exemplo, numa “família verde-oliva”, ou seja, uma comunidade unida em função da atividade militar – geralmente exercida pelo pai. Isto explica, em parte, a elevada frequência com que esposas de militares não exercem uma atividade fixa, diferentemente do padrão geral da população.

Estudar em Colégios Militares é uma oportunidade que se apresentou em frequências diferentes aos cadetes da amostra. O acesso aos Colégios Militares dá-se por duas vias: o amparo legal aos filhos de militares ou seus tutelados, quando transferidos de uma localidade para outra, e concurso público. Filhos de militares comumente estudam em Colégios Militares, tidos como de alta qualidade e praticamente gratuitos. Nos Colégios Militares são seguidas as mesmas normas do Exército Brasileiro no tocante à hierarquia e disciplina, inclusive concedendo aos alunos distinções na forma de promoção de posto, medalhas, diplomas e, por outro lado, uma gama de punições disciplinares para as transgressões.

A seleção de sub-amostras da amostra militar tornou-se, então, interessante do ponto de vista prático e teórico. Primeiramente, por permitir comparar sujeitos que estão há mais tempo em contato com ambientes militares e optam por uma carreira militar com aqueles que não tinham qualquer experiência com ambientes militares e optaram pela mesma carreira. A comparação com o grupo universitário torna-se sempre útil, como referência à população não imersa no ambiente militar.

Estar inserido no ambiente militar parece não influir no bem-estar subjetivo das pessoas. Comparados com a amostra de universitários, os cadetes declaram-se, em média, tão satisfeitos quanto os primeiros. Contudo, pudemos notar que ser filho de militar, e conseqüentemente já ter vivido a experiência militar no ambiente familiar, torna a convivência na caserna mais satisfatória. Ter parentes militares, mesmo que irmãos, tios, avôs, ou parentes distantes não é tão importante como ter um pai militar em casa, se você vai optar por seguir a carreira militar. Conforme observamos em diversos estudos (Adler e colaboradores, 2005; Griffith, 2002; McNulty, 2005; O'Donnel, 2000; Schok & de Vries, 2005) o ambiente militar é capaz de influenciar o bem-estar das pessoas expostas a ele. Contudo, a realidade dos cadetes ainda não é igual à realidade dos militares aquartelados e prontos para o combate – ou operações de paz, o que está mais próximo da nossa realidade atual. Na verdade, a diferença nos níveis de satisfação de vida entre os cadetes não deve influir em seus desempenhos, se considerarmos que a realidade Argentina é compatível com a nossa. Solano e Casulo (2002) observaram que o bem-estar subjetivo não é preditor de desempenho acadêmico entre os cadetes argentinos.

Os cadetes, como um todo, tendem a ver suas mães como mais responsivas e menos exigentes que os nossos universitários. Os pais, curiosamente, também são vistos como menos exigentes. Esta é uma questão que merece ser mais bem comentada. Mais adiante, trataremos estes dados a partir do senso comum e da literatura disponível. Voltando às diferenças encontradas, quando comparamos os cadetes filhos de militares e o grupo universitário, confirma-se a perspectiva anterior, pois eles vêem seus pais como menos exigentes e mais responsivos. Na amostra militar, quando comparados aos cadetes sem parentes militares, seus pais e mães são vistos como mais exigentes e mais responsivos. Comparados com os cadetes com parentes militares, somente os pais são vistos como mais exigentes e responsivos. Cadetes com parentes militares e sem parentes militares não apresentam diferenças na percepção de exigência e responsividade de seus pais, mas diferem em algum grau dos universitários, especialmente na percepção dos níveis de exigência de seus pais e mães.

De maneira geral, podemos observar que existem diferenças significativas entre a amostra militar e a amostra universitária quanto aos estilos parentais. Contudo, isto não significou diferença nos níveis de bem-estar subjetivo. Comparando apenas as sub-amostras militares, porém, observamos diferenças quanto às médias na Escala de Satisfação de Vida, e observamos também que os cadetes filhos de pai militar mais freqüentemente avaliam seus pais como autoritativos, enquanto seus colegas não-filhos de militares mais freqüentemente avaliam como negligentes. Baumrind (1997) e Reppold e colaboradores (2002) indicam uma relação entre o estilo parental autoritativo e uma maior adaptabilidade do sujeito. Esta relação provavelmente explique, pelo menos em parte, a diferença nas médias de satisfação de vida dos cadetes. Por outro lado, estes dados contradizem os resultados de Wintre e Ben-Knaz (2000), que relacionam pais autoritativos com pior adaptação ao ambiente militar. Talvez existam explicações para esta diferença. Primeiramente, as amostras são diferenciadas. Estudamos cadetes, pessoas que participaram de um concurso nacional para ingressarem na AMAN. Os cadetes desejaram estar no ambiente militar. Wintre e Ben-Knaz (2000) estudaram apenas soldados em seu serviço militar inicial. Segundo, o serviço militar em Israel, como no Brasil, é obrigatório. Contudo, os riscos do serviço certamente são maiores em Israel do que aqui. Por fim, quando tratamos especialmente dos filhos de pais militares – na maioria ex-alunos de Colégios Militares – a adaptação ao meio e a satisfação com a experiência militar são processos muito mais antigos do que a dos soldados em estágio inicial de formação. Neste caso, seria necessário reproduzir os estudos de Wintre e Ben-Knaz no Brasil, com nossos soldados, para verificar se o risco do serviço não poderia ser responsável por diferenças na adaptação ao ambiente militar.

Trazendo à pauta o senso comum, encontramos outra contradição. Os militares sempre foram rotulados como autoritários. Contudo, nossos dados indicam que apenas 18% dos filhos de militares percebem seus pais assim. O estilo autoritativo é o mais encontrado, seguido pelo indulgente e, em último lugar, negligente. As mães também são vistas como autoritativas mais freqüentemente que negligentes, indulgentes ou autoritárias. Consideramos este achado muito interessante, e talvez um indicativo de porque filhos de militares com freqüência seguem a carreira

dos pais. Uma possível explicação para este fenômeno é a maior permanência das mães (esposas de militar) em sua residência, associado com a maior disponibilidade do pai militar em estar junto ao seu filho, uma vez que o expediente militar normalmente começa cedo e termina cedo. Finkel (2001) observou que a mobilidade geográfica (as constantes mudanças de residência) não era um fator determinante de ajustamento entre os filhos de militares. Mais precisamente, a autora aponta que uma boa relação entre a mãe e sua criança e um ambiente familiar mais coeso eram preditores de maior auto-estima das crianças. É provável que o fenômeno observado nos Estados Unidos seja semelhante ao observado em nosso estudo. Além disso, quando se estuda em Colégios Militares, freqüentemente são realizadas atividades que exigem a presença de pai e mãe dos alunos, mais um fator de aproximação entre pais e filhos. Entre os cadetes que não são filhos de militares, a proporção de pais autoritativos, autoritários, indulgentes e negligentes é bem diferente: 19,1%, 11,9%, 22,1% e 37,4%, respectivamente, indicando uma predominância de pais negligentes. Na amostra universitária esta proporção ficou em 28,8%, 42,5%, 4,1% e 16,4%, ou seja, os pais da amostra universitária são mais freqüentemente vistos como autoritários. Embora os estudos nacionais apontem para uma predominância dos estilos parentais autoritativo e negligente, que coincide com a literatura internacional (Bardagi, 2002), nossos dados da amostra universitária destoam grandemente deste padrão.

Apesar dos coeficientes Alfa de Cronbach serem semelhantes aos da norma brasileira (Pasquali, Mazzarello e Ghesti, 1997), a distribuição de posições em diversas escalas não aconteceu conforme o esperado. Como as classificações de escores no IFP são convertidas em faixas percentílicas (e o manual não traz referências a médias e desvios padrões), fizemos comparações entre os resultados encontrados nas amostras militar e universitária e suas distribuições (freqüências acumuladas) e o que seria esperado na norma. Diversas escalas apresentaram variações consideráveis (na amostra universitária, em seis escalas havia concentrações de mais de 40% da amostra onde se esperaria 25%), o que sugere que pode ser necessário um grande trabalho de revalidação do Inventário como um todo, ou pelo menos a ampliação da amostra de validação,



embora o matiz cultural da região onde se coletaram os dados da amostra universitária seja abrangido na norma brasileira.

Considerando-se estas peculiaridades do instrumento e das amostras, olhamos com mais cuidado para diferenças e probabilidades estatísticas. Diferenças na escala de denegação (Alfa de 0,55), por exemplo, podem ser resultado apenas da própria escala. Ainda assim, o IFP mostrou-se um instrumento valioso. Nas comparações entre as amostras militar e universitária observamos diferenças em diversos fatores. Conforme previsto, a escala de afiliação apresentou uma diferença importante, o mesmo não ocorrendo com a escala de deferência. O mais provável é que a escala de deferência não tenha relação com a hierarquia e a disciplina militar. A hierarquia é representada pelos postos e graduações ocupados, não por pessoas em particular. Assim, a escala que avalia a admiração e o respeito por uma figura de autoridade possivelmente é inadequada para avaliar somente respeito pelo posto/graduação de outrem.

Já a escala de afiliação corresponde adequadamente à realidade militar. A dependência do grupo e a necessidade de ser apoiado por ele, independente do nível que se ocupa dentro dele, é um ensinamento da caserna que vale do recruta ao general. De fato, encontramos diferenças entre os militares e os universitários, mas não encontramos diferenças entre as amostras militares, seja em função do parentesco com militares ou em função de já ter experiências militares anteriores.

Uma das hipóteses levantada teoricamente não se sustentou empiricamente. A amostra militar em nada difere da norma brasileira quanto à escala de Desejabilidade Social. Embora estudos internacionais (Thunholm, 2001) indicassem esta ocorrência, é provável que ela seja culturalmente dependente.

Outra diferença importante e que merece um pouco de atenção diz respeito à escala de heterossexualidade, que é muito mais alta nos cadetes. Convém uma explicação situacional: os cadetes moram na AMAN. Uma minoria, depois do primeiro ano de Curso, aluga residência fora da Academia. Portanto, a maior parte da convivência é com os colegas de ala. Todos homens, jovens, dedicados aos estudos e à formação militar cerca de 12 (doze) horas por dia. É de se esperar que tenham maior interesse e necessidade de companhia do sexo oposto que os universitários. No meio

universitário, sabidamente, mais da metade da população é do sexo feminino, promovendo aproximações e contatos completamente inexistentes na AMAN. Poder-se-ia inferir, também, que o afastamento da família aumente a necessidade de afeto e contato físico dos cadetes, que seria canalizada para as relações interpessoais com o sexo oposto. Estas inferências, entretanto, já suscitariam um estudo à parte.

Antes de concluirmos que o ambiente militar é capaz de produzir efeitos sobre a personalidade dos sujeitos inseridos em seu meio, faz-se necessário observar outras fontes de influência. Além dos pais militares influenciarem na escolha da carreira militar, pudemos notar que influenciam também a percepção das condições de vida dos seus filhos enquanto estão na academia. Filhos de pais militares também estudam mais frequentemente em Colégios Militares. Os cadetes que estudaram em Colégios Militares são mais autônomos (fazem as coisas do seu jeito, não dependem dos outros, tomam iniciativa) e desejosos de novas experiências, de conhecer novos lugares e novos hábitos do que os cadetes que não estudaram em Colégios Militares. Eles percebem os pais como mais responsivos também. E quem estuda em Colégio Militar também está mais propenso a fazer uma escolha vocacionada pela carreira das armas do que quem não estudou nestes Colégios.

Assim, podemos perceber que, de fato, existem diferenças importantes relacionadas ao ambiente militar sobre diversos elementos de personalidade humana. Outrossim, deve-se observar a interação destas influências com outras, como filiação, parentescos e outras experiências anteriores como possíveis e potencializadoras destas interações.

#### **4.1 Considerações finais**

Algumas considerações fazem-se necessárias neste ponto do estudo. A primeira diz respeito à trajetória percorrida entre a concepção do estudo e sua execução. É necessário ao pesquisador interessado pelo trabalho em ambientes militares que desenvolva alguns conhecimentos prévios sobre sistema hierárquico e relações de comando. Um estudo, para ser desenvolvido adequadamente em ambiente militar, necessita de planejamento e antecedência. Entre o primeiro contato formal e a autorização para a coleta de dados podem decorrer meses, como foi o caso deste estudo. Ainda que

não tivesse antecedentes de estudos como este, o fato de ser Oficial da Reserva do Exército Brasileiro franqueou-me acesso a diversas instâncias de comando que autorizaram a sua execução. O fato de entender a hierarquia de comando e tê-la seguido, mesmo que isto tornasse o processo mais moroso, foi fundamental para angariar a colaboração dos militares envolvidos em todos os níveis. Os próprios cadetes comentaram que o fato da Diretoria de Ensino e Pesquisa ter autorizado o trabalho deixava-os mais tranqüilos.

Outro aspecto importante diz respeito ao tamanho do instrumento, uma vez que foi solicitado aos participantes que respondessem a todos os instrumentos em bateria única. O total de itens (marcações na folha de resposta) chegou a 256. Alguns participantes, principalmente na amostra universitária, desistiram de realizar o preenchimento dos instrumentos em função da suposição de que levaria muito tempo. Aliás, obter uma amostra universitária completamente sem contato com ambientes militares foi uma idéia arriscada. Após a realização deste estudo posso inferir que pessoas com parentes militares (que não o próprio pai ou um parente muito próximo) não diferem nos aspectos estudados de pessoas sem qualquer contato com o ambiente militar. Por outro lado, não teria como inferir esta relação *a priori*, de modo que esta se tornou mais uma lição deste estudo.

Uma limitação, tardiamente observada, diz respeito aos dados demográficos coletados. Na amostra universitária não foi solicitada a informação das pessoas que residiam com o participante. Assim, ficou impossível estabelecer quantos e qual o perfil dos universitários que não residiam com os pais. Este dado poderia ser útil em alguma medida de comparação, já que dos cadetes se pode inferir o período de afastamento pelo ano de ingresso na Academia.

Ainda assim, os objetivos primários deste estudo foram atingidos. Verificaram-se diversas diferenças entre as amostras estudadas, sendo possível estabelecer algumas relações entre ambiente militar e personalidade, bem como com estilos parentais. O bem-estar subjetivo parece não ser afetado pelo contato com ambiente militar, contudo, as diferenças encontradas nas sub-amostras militares indicam haver fatores pregressos que influenciam nos níveis de bem-estar subjetivo dos cadetes.

Outras questões foram suscitadas, em função dos achados, e implicam em novos estudos psicológicos. Por exemplo, a influência da experiência de estudar em Colégios Militares em características individuais, escolha profissional, percepção do estilo parental, entre outras. A necessidade de estudos sistemáticos, preferencialmente longitudinais, impõe um desafio à comunidade de pesquisadores em psicologia do desenvolvimento. O que os Colégios Militares têm de diferente na sua rotina? Talvez a resposta seja o projeto de desenvolvimento de “atributos da área afetiva” (AAA), uma proposta da Diretoria de Ensino e Pesquisa (DEP) do Exército Brasileiro, implementada há cerca de cinco anos em todas as escolas militares (inclui Colégios, Escola de Sargentos e Academia Militar). Conforme contatos pessoais, a psicóloga e oficial do Exército Tânia Laux Madeira (2005) acredita que existam relações entre a implementação do programa AAA e o incremento de diversas características importantes na atividade militar. Somente estudos continuados poderão esclarecer se existe esta relação ou não. Mais ainda, poderia se esperar que alunos de Colégio Militar que não optam por carreira militar sejam diferentes, em média, da população em geral? Ou, seguindo caminho diverso, pais militares são reconhecidos como mais responsivos em qualquer fase do desenvolvimento? Ou filhos de pais militares percebem seus pais de maneiras distintas somente quando são apresentados a ambientes militarizados? Estas linhas de estudo podem ser muito interessantes também.

Recentemente o Brasil começou o seu programa de avaliação das tropas antes e depois de missões de paz. Além do processo seletivo, fez-se também o acompanhamento de cada um dos militares deslocados para cumprir missões de paz em outros países. Os primeiros resultados ainda não estão disponíveis no meio acadêmico. Manter o canal aberto com os institutos militares de pesquisa é uma necessidade para o desenvolvimento de parcerias e de novos conhecimentos. Falta-nos a perspectiva de desenvolver outros projetos, ainda mais ousados, nas áreas de ergonomia, *stress* em combate, liderança, clínica psicológica especializada em militares, entre outros. Estudos recentes demonstram que a intervenção psicológica em ambientes militares é capaz de reduzir níveis de *stress* e depressão através de ações preventivas (Martins, Cherpinski & Rosa, 2005 e Rodrigues, Maciel & Rosa, 2005).

Além disto, é necessário estabelecer uma prática de reciprocidade entre o meio universitário e o meio militar. De fato, este é o primeiro trabalho de pesquisa em psicologia envolvendo militares das forças armadas desenvolvido a partir de um programa de pós-graduação. As trocas de informações já começaram, e novas perspectivas de pesquisa estão abertas. Os resultados alcançados em outros trabalhos locais (Rosa, 2004) já começam a ganhar contornos regionais. Atingir níveis de excelência na área significa conquistar um espaço importante para a inserção profissional, desenvolvimento de recursos humanos, conhecimento e produção teórico-técnica. Sammons (2005) recentemente afirmou que a capacidade de resposta dos psicólogos militares a situações de guerra ou graves crises pressagia o sucesso da profissão em tempos menos perigosos. A capacidade dos psicólogos de promoverem o bem-estar público em situações de crise tem sido seguida de um aumento de demanda por serviços psicológicos no período subsequente, pelo menos na realidade dos Estados Unidos. Entendo que o estabelecimento de uma linha de atuação em psicologia militar – seja dentro de um uniforme ou fora dele – implicará em um incremento do reconhecimento profissional, da busca por serviços prestados por psicólogos nas mais diferentes áreas e na consolidação de linhas de estudo extremamente sensíveis, capazes de produzir conhecimentos aplicáveis às mais diferentes áreas de atuação profissional.

## REFERÊNCIAS

- Adler, A. & Bartone, P. T. (1999). International survey of military mental health professionals. Military Medicine, 164(11), 788-792.
- Adler, A. B., Huffman, A. H., Bliese, P. D. & Castro, C. A. (2005) The impact of deployment length and experience on the well-being of male and female soldiers. Journal of Occupational Health Psychology, 10(2), 121-137.
- Alchieri, J. C. (2005). Adaptação do Millon Index of Personality Styles (MIPS) para o Brasil. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, UFRGS.
- American Psychological Association (2004a). History of Division 19. Disponível em <http://www.apa.org/about/division/div19history.html>, acessado em 25 de fevereiro de 2004.
- American Psychological Association (2004b). Introduction to Military Psychology: An Overview. Em <http://www.apa.org/about/division/div19intro.html>, acessada em 25 de fevereiro de 2004.
- Antoniuzzi, A. S. (2000). Desenvolvimento de instrumentos para a avaliação de coping em adolescentes brasileiros. Tese de doutorado. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, UFRGS.
- Bar-Joseph, U. & Kruglanski, A. W. (2003). Intelligence failure and need for cognitive closure: On the psychology of the Yom Kippur surprise. Political Psychology, 24(1), 75-99.
- Baumrind, D (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. Child Development, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1997). The discipline encounter: Contemporary issues. Agression and Violent Behavior, 2, 4, 321-335.
- Bonalume Neto, R. (2003). Os Estados Unidos e o futuro da guerra. Galileu Especial, 4, 66.
- Bourke, J. (2001). Psychology at war, 1914-1945. Em Bunn, G. C. & Lovie, A. D. (Org.), Psychology in Britain: Historical essays and personal reflections (pp. 133-149). Leicester, Inglaterra: The British Psychological Society.
- Bradburn, N. M. (1969). The structure of psychological well-being. Chicago: Aldine.
- Bridger, H. (2000). Northfield revisited. Em: Pines, M. (Org), Bion and group psychotherapy. International library of group analysis 15 (pp. 87-107). Londres: Jessica Kingsley Publishers.
- Brunner, J. (2000). Will, desire and experience: Etiology and ideology in the German and Austrian medical discourse on war neuroses, 1914-1922. Transcultural Psychiatry, 37(3), 295-320.
- Case, H. W. & Pennington, L. A. (1942). A note concerning a new course in military psychology. Journal of Consulting Psychology, 6, 253-254.
- Castro, C. (2002). A invenção do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Chambers, J. A., Power, K. G. & Durham, R. C. (2004). Parental Styles and Long-Term Outcome Following Treatment for Anxiety Disorders. Clinical Psychology and Psychotherapy, 11(3): 187-198.

- Cole, M. & Cole, S. R. (2004). O desenvolvimento da criança e do adolescente. 4ª. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Dekel, R., Solomon, Z., Ginzburg, K. & Neria, Y. (2003). Combat exposure, wartime performance, and long-term adjustment among combatants. Military Psychology, 15(2), 117-131.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. Psychological Bulletin, 95, 542-575.
- Diener, E. (1996). Subjective well-being in cross-cultural perspective. Em: Grad, H. (Ed.), Key issues in cross-cultural psychology: selected papers from Twelfth International Congress of the International Association for Cross-Cultural Psychology (pp. 319-330) Champaign-Urbana, IL.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J. & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. Journal of Personality Assessment, 49, 71-75.
- Diener, E. & Lucas, R. E. (2000). Subjective emotional well-being. Em: M. Lewis & J. M. Haviland (Eds), Handbook of emotions (2nd Ed.) (pp. 325-337). New York: Guilford.
- Diener, E., Suh, E. & Oishi, S. (1997). Recent findings on subjective well-being. Indian Journal of Clinical Psychology, 24, 25-41.
- D'Onofrio, B. M., Turkheimer, E. N., Eaves, L. J., Corey, L. A. Berg, K., Solaas, M. H. & Emery, R. E. (2003). The role of the Children of Twins design in elucidating causal relations between parent characteristics and child outcomes. Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines, 44(8), 1130-1144.
- Dorna, A. (1998). Presencia y realidad de la psicología política francesa. Psicología Política, 16, 49-73.
- Driskell, J. E., & Olmstead, B. (1989). Psychology and the military: Research applications and trends. American Psychologist, 44, 43-54.
- Dvir, T., Eden, D., Abolio, B. & Shamir, B. (2002). Impact of transformational leadership on follower development and performance: A field experiment. Academy of Management Journal, 45(4), 735-744.
- Eley, T. C., Bolton, D., O'Connor, T. G., Perrin, S., Smith, P. & Plomin, R. (2003). A twin study of anxiety-related behaviours in pre-school children. Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines, 44(7), 945-960.
- Ferroni, M. (2003). A evolução das guerras. Galileu Especial, 4, 55-65.
- Finkel, L. B. (2001). The effects of frequent geographic mobility on the social and emotional adjustment of military children and adolescents. Dissertação de Mestrado. Virginia Consortium for Professional Psychology (Old Dominion University).
- Giacomoni, C. H. (1998). Desempenho acadêmico, controle percebido e eventos de vida como preditores de bem-estar subjetivo em crianças. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, UFRGS.

- Giacomoni, C. H. & Hutz, C. S. (1997). A mensuração do bem-estar subjetivo: escala de afeto positivo e negativo e escala de satisfação de vida [Resumos]. Em: Sociedade Interamericana de Psicologia (Org.), Anais XXVI Congresso Interamericano de Psicologia (p. 313). São Paulo, SP: SIP.
- Griffith, J. (2002). Multilevel analysis of cohesion's relation to stress, well-being, identification, disintegration, and perceived combat readiness. Military Psychology, 14(3), 217-239.
- Hall, C. S., Lindzey, G. & Campbell (2000). Teorias da personalidade. 4ª. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Hallfill, T., Nielsen, T. M., Sundstrom, E. & Weilbaecher, A. (2005). Group personality and performance in Military Service Teams. Military Psychology, 17(1), 41-54.
- Hansen-Schwartz, J., Jessen, G., Andersen, K. & Jorgensen, H. O. (2002). Suicide after deployment in UN peacekeeping missions – A Danish pilot study. Crisis, 23(2), 55-58.
- Hutz, C. S. & Giacomoni, C. H. (1998). Adaptação da Escala de Satisfação de Diener para o Brasil. Manuscrito não-publicado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Kodama, Y., Nomura, S. & Ogasawara, T. (2000). Psychological changes of Japan self-defense forces personnel during selection and training for the peacekeeping mission in the Golan Heights. Military-Medicine, 165(9), 653-655.
- Kloocke, R., Schmiedebach, H. P. & Priebe, S. (2005). Psychological injury in the World Wars: Changing concepts and terms in German psychiatry. History of Psychiatry, 16(1), 43-60.
- Larsen, R. P. (2001). Decision making by military students under severe stress. Military Psychology, 13(2), 89-98.
- Larsson, G. & Hayward, B. (2001). Appraisal and coping processes immediately before ejection: A study of Australian and Swedish pilots. Journal of Human Performance in Extreme Environments, 5(2), 59-65.
- Larsson, G., Michel, P. O. & Lundin, T. (2000). Systematic assessment of mental health following various types of posttrauma support. Military Psychology, 12(2), 121-135.
- Leach, J. (2002) Personality profiles of prisoners of war and evaders. Military Psychology, 14(1), 73-81.
- Leggatt, A. P. & Noyes, J. M. (2000). Navigation aids: Effects of crew workload and performance. Military Psychology, 12(2), 89-104.
- Lengwiler, M. (2003). Psychiatry beyond the asylum: The origins of German military psychiatry before World War I. History of Psychiatry, 14 (53, Pt1), 41-62.
- Liebermann, H. R., Bathalon, G. P, Falco, C. M., Morgan, C. A. III., Niro, P. J. & Tharion, W. J. (2005). The fog of war: Decrements in cognitive performance and mood associated with combat-like stress. Aviation, Space, and Environmental Medicine, 76(7), C7-C14.



- Madeira, T. L. (2005) Atributos da área afetiva. Comunicação pessoal. Rio de Janeiro: Exército Brasileiro, Diretoria de Ensino e Pesquisa.
- Martins, C. A., Cherspinski, E. F. & Rosa, F. H. (2005). A influência do ambiente militar no desenvolvimento de depressão. Monografia. Cascavel: Faculdade Assis Gurgacz.
- Mayer, J. & Rotte, R. (1999). Arms and aggression in the Middle East, 1948-1991: A reappraisal. Journal of Conflict Resolution, 43(1), 45-57.
- McCormack, L. & Mellor, D. (2002). The role of personality in leadership: An application of the Five-Factor Model in the Australian military. Military Psychology, 14(3), 179-197.
- McNulty, P. A. F. (2005). Reported stressors and health care needs of active duty Navy personnel during three phases of deployment in support of the War in Iraq. Military Medicine, 170(6), 530-535.
- Melter, A., Hamann, I., Kutschke, T. & Storm, E. G. (2002). Modernisierung der eignungsdiagnostik im psychologischen dienst der bundeswehr: Ergebnisse und perspektiven. Zeitschrift fur Personalpsychologie, 1(1), 35-41.
- Mira Y Lopez, E. (1949). Psicologia Militar. 2ª ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, Biblioteca do Exército.
- Nunes, C.H.S.S. & Hutz, C.S. (2002). O modelo dos Cinco Grandes Fatores de personalidade. Em: Primi, R. (Org), Temas em Avaliação Psicológica (pp. 40-49). Campinas: Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica.
- O'Donnell, J. C. (2000). Military service and mental health in later life. Military Medicine, 165(3), 219-223.
- Oordt, M. S. (2001). Managing severe gas mask anxiety with a cognitive-behavioral approach: An illustrative case study and treatment protocol. Military Psychology, 13(3), 165-176.
- Ostrom, T. M. (1969). The relationship between affective, behavioral and cognitive components of attitude. Journal of Experimental Psychology, 5, 12-30.
- Owen, G., Tuley, H. & Casey, A. (2004). The role of blood glucose availability and fatigue in the development of cognitive impairment during combat training. Aviation, Space, and Environmental Medicine, 75(3), 240-246.
- Pasquali, L. (2003). Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação. Petrópolis: Vozes.
- Pasquali, L. (org) (2001). Técnicas de exame psicológico – TEP: Volume I: Fundamentos das técnicas psicológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, Conselho Federal de Psicologia e Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida – LabPAM.
- Pasquali, L., Mazzarello, M. A. & Ghesti, I. (1997). Inventário Fatorial de Personalidade. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pervin, L. A. & John, O. P. (2004). Personalidade: Teoria e pesquisa. 8 ed. Porto Alegre: Artmed.

- Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M. P. & Hutz, C. S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. Em: Hutz, C. S. (Org.), Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção (pp. 7-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rodrigues, H. T., Maciel, K. B. & Rosa, F. H. (2005) Níveis de stress em ambientes militares e universitários. Monografia. Cascavel: Faculdade Assis Gurgacz.
- Rosa, F. H. (2002). Conversando sobre Psicologia Militar (p. 36). Anais do I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão.
- Rosa, F. H. (2003). Psicologia militar no Brasil: formas e contextos de avaliação [Simpósio] (p. 14). Anais do 1º Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica e IX Conferência Internacional de Avaliação Psicológica.
- Rosa, F. H. (2004). Psicologia Militar: ensino, pesquisa e extensão – Desafios para a prática profissional. Anais do II Encontro Científico-Cultural Interinstitucional FAG, Dom Bosco e FAQ. Cascavel: Campus da Faculdade Assis Gurgacz (CD-ROM).
- Russo, J. (2002). O mundo psi no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Sammons, M. T. (2005) Psychology in the public sector: Addressing the psychological effects of combat in the U. S. Navy. American Psychologist, 60(8), 899-909.
- Sandal, G. M., Endresen, I. M., Vaernes, R. & Ursin, H. (1999). Personality and coping strategies during submarine missions. Military Psychology, 11(4), 381-404.
- Sandal, G. M., Gronningsaeter, H., Erikson, H. R., Gravaakmo, A., Birkeland, K. & Ursin, H. (1998). Personality and endocrine activation in military stress situations. Military Psychology, 10(1), 45-61.
- Scherrer, J. F., True, W. R., Xian, H., Lyons, M. J., Eisen, S. A., Goldberg, J., Lin, N. & Tsuang, M. T. (2000). Evidence for genetic influences common and specific to symptoms of generalized anxiety and panic. Journal of Affective Disorders, 57(1-3), 25-35
- Schincariol, M. F. & Vasconcellos, A. C. (2002). Suporte psicossocial a familiares durante operação de manutenção de paz. Psicologia: Teoria e Prática, 3(2), 37-45.
- Schok, M. L. & de Vries, J. (2005). Predicting overall quality of life and general health of veterans with and without health problems. Military Psychology, 17(2), 89-100.
- Schultz, D. P. & Schultz, S. E. (2002). Teorias da personalidade. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Shamir, B., Brainin, E., Zakay, E. & Popper, M. (2000). Perceived combat readiness as collective efficacy: Individual- and group-level analysis. Military Psychology, 12(2), p. 105-119.

- Shamir, B., Goldberg-Weill, N., Brainin, E., Zakay, E. & Popper, M. (2000). Differences in company leadership between infantry and armor units in Israel Defense Forces. Military Psychology, 12(1), 51-72.
- Shiguemura, J. & Nomura, S. (2002). Mental health issues of peacekeeping workers. Psychiatry and Clinical Neurosciences, 56 (5), 483-491.
- Shulman, S., Levy-Shiff, R. & Scharf, Miri (2000). Family relationships, leaving home, and adjustment to military service. Journal of Psychology, 134(4), 392-400.
- Solano, A. C. & Casullo, M. M. (2002). Predictores del rendimiento académico y militar de cadetes argentinos. Anales de Psicología, 18(2), 247-259.
- Spinath, F. M. & O'Connor, T.G. (2003). A behavioral genetic study of the overlap between personality and parenting. Journal of Personality, 71(5), 785-808.
- Stein, M. B., Jang, K. L., Taylor, S., Vernon, P. A. & Livesley, W. J. (2002). Genetic and environmental influences on trauma exposure and posttraumatic stress disorder symptoms: A twin study. American Journal of Psychiatry, 159(10), 1675-1681.
- Suemer, H. C., Suemer, N., Demirutku, K. & Cifci, O. S. (2001). Using a personality-oriented job analysis to identify attributes to be assessed in officer selection. Military Psychology, 13(3), 129-146.
- Tatsch, D. T., Teixeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (2003). Estilos parentais na percepção dos adolescentes de comunidades ítalo e teuto-gaúchas. Psico, 34(2), 389-406.
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P. & Gomes, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. Revista de Avaliação Psicológica, 3, 1-12
- Thomas, J. L., Adler, A. B., Wittels, P., Enne, R. & Johannes, B. (2004). Comparing elite soldier's perceptions of psychological and physical demands during military training. Military Medicine, 169(7), 526-530.
- Wintre, M. G. & Ben-Knaz, R. (2000). It's not academic, you're in the army now: Adjustment to the army as a comparative context for adjustment to university. Journal of Adolescent Research, 15(1), 145-172.
- Thunholm, P. (2001). Social desirability in personality testing of military officers. Military Psychology, 13(4), 223-234.
- Vertzberger, Y. Y. (1998). Risk taking and decision making: Foreign military intervention decisions. Stanford: Stanford University Press.
- Wessely, S. (2003). The role of screening in the prevention of psychological disorders arising after major trauma: Pros and cons. Em: Ursano, R. J. (Ed). Terrorism and disaster: Individual and community mental health interventions (pp. 121-145). New York: Cambridge University Press.

Zorzo, L. C. (2004). Condições de trabalho em uma organização militar. Em: Lazzarotto, E. M. (Org.), Gestão dos serviços de saúde: Condições de trabalho nas organizações (pp. 203-240). Cascavel: Coluna do Saber.

**ANEXO A**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) Senhor (a):

Solicitamos sua participação voluntária no projeto de pesquisa que pretende identificar fatores que contribuem para uma melhor qualidade de vida das pessoas em diferentes ambientes. Os procedimentos adotados serão de resposta a questionários e instrumentos psicológicos. Esta atividade não apresenta quaisquer riscos aos participantes. Espera-se, com esta pesquisa, produzir conhecimento que propicie melhor qualidade de vida aos seres humanos, em diferentes contextos. Qualquer informação adicional poderá ser obtida através dos telefones (45) 9916-9747 ou pelo e-mail rosafh@fag.edu.br.

A qualquer momento, o Senhor(a) poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. O pesquisador está disponível para esclarecer qualquer dúvida relativa à pesquisa.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos, contudo, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo de sua participação. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados. Sua participação será voluntária, não recebendo por ela qualquer tipo de pagamento.

---

Francisco Heitor da Rosa – CRP 07/08436

---

Aceite de Participação Voluntária

Eu, \_\_\_\_\_ (nome legível), declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa “A influência de ambientes militarizados no desenvolvimento de aspectos psicológicos de adolescentes e adultos jovens brasileiros”, e concordo em participar voluntariamente da mesma. Declaro que possuo cópia do Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido que ora aceito. Sei que a qualquer momento posso revogar este Aceite e desistir de minha participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaro, também, que não recebi ou receberei qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

---

Pesquisador

---

Voluntário

**ANEXO B**

## Rapport para os participantes do estudo em ambientes não-militarizados

Bom dia (boa tarde), meu nome é Francisco Heitor. Eu sou psicólogo e estou fazendo uma pesquisa para entender como as pessoas são, como agem e reagem frente a diferentes situações durante o seu dia-a-dia. Nenhum de vocês é obrigado a participar deste estudo, e não serão penalizados de forma alguma se não quiserem responder às perguntas que serão feitas. Aos que não quiserem participar, peço apenas que permaneçam sentados e não preencham o material que será distribuído. Assim, nenhum de seus colegas poderá saber se você fez ou não parte do processo de pesquisa. Aos que participarem, darei as instruções para o preenchimento do material. A colaboração de vocês permitirá uma compreensão mais precisa das suas necessidades, interesses e comportamentos. Não existem respostas certas ou erradas, já que elas expressam o que vocês são, pensam e sentem. Antes de começarmos, alguém tem alguma dúvida que queira esclarecer?

**ANEXO C****Rapport para os participantes do estudo em ambientes militarizados**

Bom dia (boa tarde), meu nome é Francisco Heitor. Eu sou psicólogo e estou fazendo uma pesquisa para entender como as pessoas são, como agem e reagem frente a diferentes situações durante o seu dia-a-dia. Nenhum de vocês é obrigado a participar deste estudo, e não serão penalizados de forma alguma se não quiserem responder às perguntas que serão feitas. É importante que todos entendam que a participação é voluntária. A participação séria e comprometida na resposta às questões é muito importante para a compreensão de como os militares agem e reagem no decorrer do seu dia-a-dia. Se você, por qualquer motivo, não quiser participar, está livre para não participar. Nenhum outro militar irá tomar qualquer atitude em relação a sua escolha. Peço apenas que se mantenham sentados e nada escrevam nas folhas que serão entregues. Podem folhear as páginas, mas peço que não façam anotações nelas. Ao final, todos passarão o material para os companheiros da frente, e nem mesmo eu saberei quem respondeu ou não.

Aos que participarem, darei as instruções para o preenchimento do material. Não existem respostas certas ou erradas, já que elas expressam o que vocês são, pensam e sentem. Antes de começarmos, alguém tem alguma dúvida que queira esclarecer?

## ANEXO D

### Questionário de dados demográficos (amostra não-militar)

Obrigado por participar desta pesquisa! Sua contribuição é muito valiosa. Gostaríamos que preenchesse atentamente as questões desta página, sem deixar qualquer uma em branco. Estes dados serão muito importantes para entendermos melhor as pessoas e como elas vivem seu dia-a-dia.

**Documento de identidade: Campos de 01 a 11**, um dígito por campo (Documentos válidos: CPF ou RG. Inicie no campo 1 e deixe em branco campos desnecessários.)

**ATENÇÃO:** Preencha o número do documento de identidade APENAS se desejar retorno individual sobre os instrumentos utilizados na pesquisa. O contato deve ser feito através do telefone ou e-mail constantes no Termo de Consentimento.

**Idade (em anos): Campos 12-13** (Ex: 23 anos: campo 12=2, campo 13=3)

**Ano de Ingresso: Campos 14-15** (2000=00; 2001=01; 2002=02...)

**Sexo: Campo 16** (Masculino=1; Feminino=2)

**Curso: Campo 17** (Agronomia=1; Engenharia=2; Psicologia=3; Educação Física=5; Direito=6; Administração=7; Comunicação Social=8; Outros=9)

**Qual a profissão de seu pai: Campo 18** (profissional liberal=1; servidor público de nível superior=2; servidor público de nível médio=3; militar=4; produtor rural=5; comerciante=6; empregado remunerado da iniciativa privada=7; terceiro setor (prestação de serviços)=8; outras ocupações não contempladas=9; não se aplica=0)

**Qual a profissão de sua mãe? Campo 19** (profissional liberal=1; servidor público de nível superior=2; servidor público de nível médio=3; militar=4; produtor rural=5; comerciante=6; empregado remunerado da iniciativa privada=7; terceiro setor (prestação de serviços)=8; outras ocupações não contempladas=9; não se aplica=0)

**Em que Estado você nasceu? Campos 20-21** (AC=01; AL=02; AM=03; BA=04; CE=05; DF=06; ES=07; GO=08; MA=09; MG=10; MS=11; MT=12; PA=13; PB=14; PE=15; PI=16; PR=17; RJ=18; RN=19; RO=20; RR=21; RS=22; SC=23; SE=24; SP=25; TO=26)

**Você já morou em outros estados? Campo 22** (Sim, em 1 outro=1; Sim, em 2 outros=2; Sim, em 3 outros=3; Sim, em mais de 3 outros estados=4; Não, sempre morei no mesmo Estado=0)

**Você tem parentes próximos que são militares? Campo 23** (Não=0; Sim, Pai=1; Irmão=2; Tio=3; Avô=4; Outros parentes=5; Vários parentes=6)

**Você estudou em Colégio Militar ou prestou Serviço Militar? Campo 24** (Não=0; Sim, estudei em CM=1; Sim, prestei o Sv Mil=2; Sim, estudei em CM e prestei Sv Mil=3)



## ANEXO E

Questionário de dados demográficos (amostra militar)

Obrigado por participar desta pesquisa! Sua contribuição é muito valiosa. Gostaríamos que preenchesse atentamente as questões desta página, sem deixar qualquer uma em branco. Estes dados serão muito importantes para entendermos melhor as pessoas e como elas vivem seu dia-a-dia.

**Documento de identidade: Campos de 01 a 11**, um dígito por campo (Documentos válidos: CPF, RG, Identidade Militar. Inicie no campo 1 e deixe em branco campos desnecessários.)

**ATENÇÃO:** Preencha o número do documento de identidade APENAS se desejar retorno individual sobre os instrumentos utilizados na pesquisa. O contato deve ser feito através do telefone ou e-mail constantes no Termo de Consentimento.

**Idade (em anos): Campos 12-13** (Ex: 23 anos: campo 12=2, campo 13=3)

**Ano de Ingresso: Campos 14-15** (2000=00; 2001=01; 2002=02...)

**Arma: Campo 16** (Infantaria=1; Cavalaria=2; Artilharia=3; Comunicações=4; Intendência=5; Engenharia=6; Ainda não optou=0)

**Se a resposta for 0, qual você escolheria preferencialmente hoje? Campo 17** (Infantaria=1; Cavalaria=2; Artilharia=3; Comunicações=4; Intendência=5; Engenharia=6; Não decidi/não sei=0)

**Qual a profissão de seu pai: Campo 18** (profissional liberal=1; servidor público de nível superior=2; servidor público de nível médio=3; militar=4; produtor rural=5; comerciante=6; empregado remunerado da iniciativa privada=7; terceiro setor (prestação de serviços)=8; outras ocupações não contempladas=9; não se aplica=0)

**Qual a profissão de sua mãe? Campo 19** (profissional liberal=1; servidor público de nível superior=2; servidor público de nível médio=3; militar=4; produtor rural=5; comerciante=6; empregado remunerado da iniciativa privada=7; terceiro setor (prestação de serviços)=8; outras ocupações não contempladas=9; não se aplica=0)

**Em que Estado você nasceu? Campos 20-21** (AC=01; AL=02; AM=03; BA=04; CE=05; DF=06; ES=07; GO=08; MA=09; MG=10; MS=11; MT=12; PA=13; PB=14; PE=15; PI=16; PR=17; RJ=18; RN=19; RO=20; RR=21; RS=22; SC=23; SE=24; SP=25; TO=26)

**Você já morou em outros estados, antes de vir para a AMAN? Campo 22** (Sim, em 1 outro=1; Sim, em 2 outros=2; Sim, em 3 outros=3; Sim, em mais de 3 outros estados=4; Não, sempre morei no mesmo Estado=0)

**Você tem parentes próximos que são militares? Campo 23** (Não=0; Sim, Pai=1; Irmão=2; Tio=3; Avô=4; Outros parentes=5; Vários parentes=6)

**Você estudou em Colégio Militar ou prestou Serviço Militar? Campo 24** (Não=0; Sim, estudei em CM=1; Sim, prestei o Sv Mil=2; Sim, estudei em CM e prestei Sv Mil=3)

**Você optou por fazer o Curso de Formação de Oficial por: Campo 25** (marcar a que melhor se aplica ou a mais importante para a sua escolha: desejo de seguir carreira militar/vocação=1; curiosidade=2; influência de parentes=3; estabilidade no serviço=4; remuneração=5; desejo de aventura=6; convívio com militares/modelos=7; respeito prestado aos militares=8; gosto pelo sistema militar/hierarquia-disciplina=9; outras razões=0)

## ANEXO F

## Escala de Responsividade e Exigência Parental

Abaixo há uma série de frases sobre atitudes de pais e mães. Para cada uma delas marque, na folha de respostas, a resposta que melhor se aproxima da sua opinião de acordo com a chave de respostas abaixo. Você pode usar os números 1, 2, 3, 4 e 5 dependendo da frequência ou intensidade com que ocorrem as situações descritas nas frases (quanto maior o número, mais frequente ou intensa é a situação). Não esqueça que você pode usar os números intermediários (2, 3 e 4) para expressar níveis intermediários de frequência ou intensidade das situações, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 1 e 5. Assinale apenas uma resposta por frase, e não deixe nenhum item sem resposta. **As respostas devem ser assinaladas a partir do CAMPO 26 da folha de respostas.** Observe que há sempre um campo exclusivo para cada resposta.

Chave de respostas:

(quase nunca ou bem pouco) 1 -- 2 -- 3 -- 4 -- 5 (geralmente ou bastante)

A respeito de teus pais considera as seguintes frases:	MÃE	PAI
Sabe aonde vou quando saio de casa.	26 = 1 2 3 4 5	27 = 1 2 3 4 5
Controla as minhas notas no colégio.	28 = 1 2 3 4 5	29 = 1 2 3 4 5
Exige que eu vá bem na escola.	30 = 1 2 3 4 5	31 = 1 2 3 4 5
Impõe limites para as minhas saídas de casa.	32 = 1 2 3 4 5	33 = 1 2 3 4 5
Me cobra quando eu faço algo errado.	34 = 1 2 3 4 5	35 = 1 2 3 4 5
Tem a última palavra quando discordamos sobre um assunto importante a meu respeito.	36 = 1 2 3 4 5	37 = 1 2 3 4 5
Controla os horários de quando eu estou em casa e na rua.	38 = 1 2 3 4 5	39 = 1 2 3 4 5
Faz valer as suas opiniões sem muita discussão.	40 = 1 2 3 4 5	41 = 1 2 3 4 5
Exige que eu colabore nas tarefas de casa.	42 = 1 2 3 4 5	43 = 1 2 3 4 5
Me cobra que eu seja organizado(a) com as minhas coisas.	44 = 1 2 3 4 5	45 = 1 2 3 4 5
É firme quando me impõe alguma coisa.	46 = 1 2 3 4 5	47 = 1 2 3 4 5

A respeito de teus pais considera as seguintes frases:	<b>MÃE</b>	<b>PAI</b>
Me pune de algum modo se desobedeço uma orientação sua.	48 = 1 2 3 4 5	49 = 1 2 3 4 5
Posso contar com a sua ajuda caso eu tenha algum tipo de problema.	50 = 1 2 3 4 5	51 = 1 2 3 4 5
Me incentiva a que eu tenha minhas próprias opiniões sobre as coisas.	52 = 1 2 3 4 5	53 = 1 2 3 4 5
Encontra um tempo para estar comigo e fazermos juntos algo agradável.	54 = 1 2 3 4 5	55 = 1 2 3 4 5
Me explica os motivos quando me pede para eu fazer alguma coisa.	56 = 1 2 3 4 5	57 = 1 2 3 4 5
Me encoraja para que eu melhore se não vou bem na escola.	58 = 1 2 3 4 5	59 = 1 2 3 4 5
Me incentiva a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça.	60 = 1 2 3 4 5	61 = 1 2 3 4 5
Se interessa em saber como eu ando me sentindo.	62 = 1 2 3 4 5	63 = 1 2 3 4 5
Ouve o que eu tenho para dizer mesmo quando não concorda.	64 = 1 2 3 4 5	65 = 1 2 3 4 5
Demonstra carinho para comigo.	66 = 1 2 3 4 5	67 = 1 2 3 4 5
Me dá força quando eu enfrento alguma dificuldade ou decepção.	68 = 1 2 3 4 5	69 = 1 2 3 4 5
Mostra interesse pelas coisas que eu faço.	70 = 1 2 3 4 5	71 = 1 2 3 4 5
Está atenta(o) às minhas necessidades mesmo que eu não diga nada.	72 = 1 2 3 4 5	73 = 1 2 3 4 5

**ANEXO G**  
Escala de Satisfação de Vida

Por favor, dê sua opinião sobre os seguintes itens:

74. A minha vida está próxima do meu ideal (a minha vida está próxima daquilo que eu gostaria que ela fosse).

Discordo Totalmente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | Concordo Totalmente

75. Minhas condições de vida são excelentes (o jeito que eu vivo é excelente).

Discordo Totalmente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | Concordo Totalmente

76. Estou satisfeito com a minha vida.

Discordo Totalmente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | Concordo Totalmente

77. Até agora eu tenho conseguido as coisas importantes que eu quero na vida.

Discordo Totalmente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | Concordo Totalmente

78. Se eu pudesse viver a minha vida de novo, eu não mudaria quase nada.

Discordo Totalmente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | Concordo Totalmente

**ANEXO H**  
Questionário  
Instruções

Este questionário constitui-se de 155 afirmações sobre coisas que você pode gostar ou não, sobre sentimentos que você pode experimentar ou não e jeitos de ser que você pode ter ou não.

Você deve ler atentamente cada afirmação e dizer quanto do que ela afirma caracteriza você. Para tanto, marque na FOLHA DE RESPOSTAS um número de 1 a 7 para cada afirmação identificada pelo número de ordem correspondente, conforme a seguinte escala:

- 7 = Totalmente característico
- 6 = Muito característico
- 5 = Característico
- 4 = Indiferente
- 3 = Pouco característico
- 2 = Muito pouco característico
- 1 = Nada característico

Exemplo:

1. Gosto de falar de mim mesmo
2. Detesto trabalhar à noite
3. (...)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Nesse exemplo, o respondente marcou “6” para a questão 1 (“Gosto de falar de mim mesmo”) porque achou que ela afirmava algo muito característico dele; ao passo que marcou “3” para a questão 2 (“Detesto trabalhar à noite”) porque achou que ela afirmava algo pouco característico dele.

Este não é um teste ou prova. Não há respostas certas ou erradas. A resposta simplesmente descreve como você se sente, o que pensa ou o que gosta. Suas escolhas, portanto, devem ser feitas em função de seus gostos, preferências e sentimentos, pessoais e atuais; e não em função do passado ou das impressões que os outros têm de você.

Procure responder seqüencialmente todas as questões.

- 109 – Gosto que meus amigos me apoiem quando fracasso.
- 110 – Gosto de fazer coisas que outras pessoas consideram fora do comum.
- 111 – Gostaria de realizar um grande feito ou grande obra na minha vida.
- 112 – Gosto de experimentar novidades e mudanças em meu dia-a-dia.
- 113 – Gosto de sair com pessoas atraentes do sexo oposto.
- 114 – Se me pedissem para levantar um peso de 10 toneladas, eu o faria.
- 115 – Parece-me mais importante avaliar as pessoas por suas intenções que por suas ações.
- 116 – Não gosto de situações em que se exige que eu me comporte de determinada maneira.
- 117 – Sinto-me deprimido(a) diante de minha incapacidade em lidar com várias situações.
- 118 – Se eu tiver que viajar, gosto de ter as coisas planejadas com antecedência.
- 119 – Minha moral está acima de qualquer crítica.
- 120 – Prefiro arranjar trabalhos novos e diferentes a continuar fazendo sempre a mesma coisa.
- 121 – Gosto de dizer o que eu penso a respeito das coisas.
- 122 – Gosto de saber o que grandes personalidades disseram sobre os problemas pelos quais eu me interessar.
- 123 – Gosto de ser capaz de fazer as coisas melhor do que as outras pessoas.
- 124 – Gosto de concluir qualquer trabalho ou tarefa que tenha começado.

- 125 – Gosto de ajudar meus amigos quando eles estão com problemas.  
126 – Não costumo abandonar um quebra-cabeças ou problemas antes que consiga resolvê-los.  
127 – Gosto de dizer aos outros como fazer seus trabalhos.  
128 – Gostaria de ser considerado(a) uma autoridade em algum trabalho, profissão ou campo de especialização.
- 129 – Gosto que meus amigos sintam pena de mim quando estou doente.  
130 – Gosto de experimentar e provar coisas novas.  
131 – Já fiz coisas de natureza sexual que a sociedade não aprova.  
132 – Quando acordo de manhã, meu coração está batendo.  
133 – Quando tenho alguma tarefa para fazer, gosto de começar logo e permanecer trabalhando até completá-la.
- 134 – Aceito com prazer a liderança das pessoas que admiro.  
135 – Acho que o sofrimento me faz mais bem do que mal.  
136 – Gosto de ficar sexualmente excitado.  
137 – Gosto de trabalhar horas a fio sem ser interrompido(a).  
138 – Gosto que meus amigos me dêem muita atenção quando estou sofrendo ou doente.
- 139 – Costumo analisar minhas intenções e sentimentos.  
140 – Sinto-me melhor quando desisto e evito uma briga do que quando tento fazer as coisas de minha maneira.  
141 – Gosto de fazer com carinho pequenos favores a meus amigos.  
142 – Sinto-me inferior aos outros na maioria dos aspectos.  
143 – Minhas maneiras à mesa quando estou em casa são exatamente as mesmas quando sou convidado(a) para jantar fora.
- 144 – Gosto de ficar acordado(a) até tarde para terminar um trabalho.  
145 – Não tenho medo de dizer às pessoas que não gosto delas.  
146 – Gosto de andar pelo país e viver em lugares diferentes.  
147 – Gosto de analisar os sentimentos e intenções dos outros.  
148 – Gosto de atacar pontos de vista contrários aos meus.
- 149 – Gosto de fazer gozação com pessoas que fazem coisas que eu considero estúpidas.  
150 – Se o mundo fosse acabar amanhã, continuaria vivendo como vivi até agora.  
151 – Tenho vontade de me vingar quando alguém me insulta.  
152 – Gosto de pensar sobre o caráter dos meus amigos e tentar descobrir o que os faz serem como são.  
153 – Sou leal aos meus amigos.
- 154 – Gosto de levar um trabalho ou tarefa te o fim antes de começar outro.  
155 – Como demais.  
156 – Gosto de dizer aos meus superiores que eles fizeram um bom trabalho, quando acredito nisso.  
157 – Gosto de me colocar no lugar de alguém e imaginar como me sentiria na mesma situação.  
158 – Gosto que meus amigos sejam solidários comigo e me animem quando estou deprimido(a).
- 159 – Antes de começar um trabalho, gosto de organizá-lo e planejá-lo.  
160 – Não gosto de ser interrompido enquanto trabalho.  
161 – Gosto que meus amigos demonstrem muito afeto por mim.  
162 – Gosto de realizar tarefas que, na opinião dos outros, exigem habilidade e esforço.  
163 – Gosto de ser chamado(a) para resolver brigas e disputas entre outras pessoas.

- 164 – Gosto de ser bem-sucedido nas coisas que faço.  
165 – Gosto de fazer amizades.  
166 – Gosto de ser considerado(a) um(a) líder pelos outros.  
167 – Dou todo o dinheiro que posso para a caridade.  
168 – Gosto de realizar com afinco (sem descanso) qualquer trabalho que faço.
- 169 – Vez por outra, em minha vida, senti medo.  
170 – Gosto de participar de grupos cujos membros se tratem com afeto e amizade.  
171 – Sinto-me satisfeito(a) quando realizo bem um trabalho difícil.  
172 – Tenho vontade de mandar os outros calarem a boca quando discordo deles.  
173 – Gosto de fazer coisas do meu jeito sem me importar com o que os outros possam pensar.
- 174 – Gosto de ser considerado(a) fisicamente atraente pelas pessoas do sexo oposto.  
175 – Gosto de viajar e conhecer o país.  
176 – Não admito que meu ponto de vista seja atacado pelos outros.  
177 – Gosto de me fixar em um trabalho ou problema mesmo quando a solução pareça extremamente difícil.  
178 – Gosto de participar de discussões sobre sexo e atividades sexuais.
- 179 – Uma ou outra vez em minha vida, roubei alguma coisa.  
180 – Gosto de ouvir ou contar piadas em que o sexo é o assunto principal.  
181 – Gosto de conhecer novas pessoas.  
182 – Gosto de dividir coisas com os outros.  
183 – Sinto-me satisfeito(a) quando consigo convencer e influenciar os outros.
- 184 – Gosto de demonstrar muita afeição por meus amigos.  
185 – Gosto de prestar favores aos outros.  
186 – Gosto de seguir instruções e fazer o que é esperado de mim.  
187 – Acredito que meu corpo viverá para sempre.  
188 – Gosto de elogiar alguém que admiro.
- 189 – Quando planejo alguma coisa, procuro sugestões das pessoas que respeito.  
190 – Gosto de manter minhas coisas limpas e ordenadas em minha escrivaninha ou em meu local de trabalho.  
191 – Se a ficha de um telefone público é devolvida depois de eu ter falado, eu a reponho no telefone.  
192 – Perco a confiança em mim mesmo(a) na presença de pessoas que considero meus superiores.  
193 – Gosto de manter fortes laços de amizade.
- 194 – Gosto que meus amigos me ajudem quando estou com problema.  
195 – Gosto que meus amigos mostrem boa vontade em me prestar pequenos favores.  
196 – Sinto-me culpado quando faço alguma coisa que sei que está errada.  
197 – Gosto de estar apaixonado por alguém do sexo oposto.  
198 – Gosto de manter minhas cartas, contas e outros papéis bem arrumados e arquivados de acordo com algum sistema.
- 199 – Gosto que meus amigos sejam solidários e compreensivos quando tenho problemas.  
200 – Gosto de participar de atividades sociais com pessoas do sexo oposto.  
201 – Prefiro fazer coisas com meus amigos a fazer sozinho.  
202 – Gosto de tratar outras pessoas com bondade e compaixão.  
203 – Gosto de comer em restaurantes novos e exóticos (diferentes).



- 204 – Minto se for conveniente para mim.
- 205 – Procuo entender como meus amigos se sentem a respeito de problemas que eles enfrentam.
- 206 – Gosto de ser o centro das atenções em um grupo.
- 207 – Existem coisas que eu não entendo.
- 208 – Gosto de ser um dos líderes nas organizações e grupos aos quais pertencço.
- 209 – Gosto de ser independente dos outros para decidir o que quero fazer.
- 210 – Gosto de me manter em contato com meus amigos.
- 211 – Se faço alguma coisa errada, sinto que deveria ser punido.
- 212 – Quando participo de uma comissão (reunião), gosto de ser indicado ou eleito presidente.
- 213 – Gosto de fazer tantos amigos quanto possível.
- 214 – Gosto de observar como uma outra pessoa se sente numa determinada situação.
- 215 – Gosto de acompanhar a moda e estilos novos.
- 216 – Quando estou em um grupo, aceito com prazer a liderança de outra pessoa para decidir o que o grupo fará.
- 217 – Não gosto de me sentir pressionado(a) por responsabilidades e deveres.
- 218 – Na escolha de meus amigos, ignoro coisas como raça, religião e convicções políticas.
- 219 – Às vezes, fico tão irritado(a) que sinto vontade de jogar e quebrar coisas.
- 220 – Gosto de fazer perguntas que ninguém será capaz de responder.
- 221 – Gosto de ter minha vida arrumada de tal modo que ela passe tranqüilamente sem muitas mudanças em meus planos.
- 222 – Às vezes, gosto de fazer coisas simplesmente para ver o efeito que terão sobre os outros.
- 223 – Sou solidário com meus amigos quando machucados ou doentes.
- 224 – Não tenho medo de criticar pessoas que ocupam posições de autoridade.
- 225 – Gosto de fiscalizar e dirigir os atos dos outros sempre que posso.
- 226 – Acredito ser a única pessoa da terra com quem Deus falou pessoalmente.
- 227 – Culpo os outros quando as coisas dão errado comigo.
- 228 – Gosto que as pessoas me façam confidências e me contem seus problemas.
- 229 – Gosto de ajudar pessoa que têm menos sorte do que eu.
- 230 – Gosto de planejar e organizar, em todos os detalhes, qualquer trabalho que faço.
- 231 – Na escola coleí algumas vezes.
- 232 – Gosto de fazer coisas e diferentes.
- 233 – Gosto de ler livros e assistir a peças em que o sexo seja o tema principal.
- 234 – Gostaria de realizar com sucesso alguma coisa de grande importância.
- 235 – Quando estou com um grupo de pessoas, gosto de decidir sobre o que vamos fazer.
- 236 – Interesse-me em conhecer a vida de grandes personalidades.
- 237 – Procuo me adaptar ao modo de ser das pessoas que admiro.
- 238 – Quando as coisas dão erradas comigo, sinto-me mais responsável do que os outros por isso.
- 239 – Gosto de resolver quebra-cabeças e problemas com os quais outras pessoas têm dificuldades.
- 240 – Gosto de falar sobre os meus sucessos.
- 241 – Gosto de beijar pessoas atraentes do sexo oposto.
- 242 – Gosto de dar o melhor de mim em tudo que faço.
- 243 – Gosto de estudar e analisar o comportamento dos outros.
- 244 – Em tudo que faço, tento realmente fazer o melhor possível.
- 245 – Gosto de contar aos outros aventuras e coisas estranhas que acontecem comigo.
- 246 – Existem algumas pessoas no mundo que não conheço pessoalmente.
- 247 – Sinto que devo confessar coisas que faço e considero erradas.
- 248 – Perdão as pessoas que às vezes possam me magoar.

- 249 – Gosto de prever (entender) como meus amigos irão agir em diferentes situações.
- 250 – Não tenho medo de criticar alguém em público quando ele merece.
- 251 – Gosto de me sentir livre para fazer o que quero.
- 252 – Gosto de me sentir livre para ir e vir quando quiser.
- 253 – Gosto de usar palavras cujo significado as outras pessoas desconhecem.
- 
- 254 – Gosto de planejar antes de iniciar algo difícil.
- 255 – Qualquer trabalho escrito que faço, gosto que seja preciso, limpo e bem-organizado.
- 256 – Gosto que as pessoas notem e comentem a minha aparência quando estou em público.
- 257 – Gosto de ler ou assistir manchetes sobre assassinatos ou outras formas de violência.
- 258 – Agi covardemente em certos momentos de minha vida.
- 
- 259 – Gosto que meus amigos me tratem com delicadeza.
- 260 – Gosto de ser generoso(a) com os outros.
- 261 – Gosto de ter minhas refeições organizadas e um horário definido para comer.
- 262 – Gosto de contar histórias e piadas engraçadas em festas.
- 263 – Gosto de dizer coisa que os outros consideram engraçadas e inteligentes.